

N.º 146



Um roubo no Vaticano



C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200
REIS

== CADA VOLUME CONTEM ==

== 14.00 LINHAS ==

DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multidões, de Pierre Zaccaria.
O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
A apostoa maldita, por Jules de Gastagne.
Os Fancas d'Oiro, por Paulo Févaz.
As filhas do povo, por Alecia Bouvier.
O filho dos boers, por Rider Haggard.
Dúvida fatal, por Marcello Prévost.
O segredo da desconhecida, por J. Gastagne.
Fausto, por Raoul Verneuil.

Estes romances, seleccionados com escrupulosa atenção, compoem uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

REIS • um bom romance completo

Colleccão Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arséniol Lepin, gatinho da alta roda, por Maurice Le Blanc (Rig. 1, 2. O Homem Mystérieux, de J. Raymond. 3. O fuzado de gelo, Pierre Giffard. 4. Arséniol Lepin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grilo na treva, Galsworthy. 6. O Príncipe de Marito, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladros, Henry A. Hering. 8. A Agulha deca, (Novas aventuras de Arséniol Lepin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Cañão de semana, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres grande romance policial, A. Q. Green. 13. A Guerra dos Yampiro, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres rainhas, sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley. 17. Sili, (Novas aventuras de Arséniol Lepin) por M. Leblanc. 18. En Perias, por Henri de Régnier. 19. O Palácio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galsworthy. 21. A senhora mysteriosa, por J. Galsworthy. 22. O Sonho, por E. Zola. 23. Os dez olhos d'Ouro, por P. d'Ivoi. 24. Um gatinho de casaca, por E. W. Hornung.

350 rs. Cada vol., in-4°, encad. a materia de um rs. 350

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 R\$. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL R\$. 60

A mas, notavel e sensacional

das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa e composta em magnifico typo

E' um trabalho vassado em moldes inteiramente novos que formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até a actualidade

Volumes publicados:

1 Viriato, o heroe lusitano
2 Roma na Lusitania
3 Os barbaros do Norte
4 A Invasão dos Arabes
5 Fundação de Portugal
6 O cerco de Guimarães
7 Egas Moniz
8 Conquista de Lisboa
9 Girardo Rempvair
10 D. Fuas Rempvair (Milagre de Nazareth)
11 Tomada d'Alcázar
12 Rainha D. Mécia
13 O Bolnhez
14 O rei trovador
15 Rainha Santa Isabel
16 A Batalha do Salado
17 Inez de Castro
18 Virgínia de Rei
19 A Rainha Adelaide
20 Maria Telles
21 Mestre d'Aviz

A seguir:

22. Passagem d'Aljubarrota
23 O Burbadão
24 O Magrão ou os Doze de
25 Inaliter e
26 Os Troncos (Tomada de Ceuta)

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até a actualidade

Acham-se publicados os quatro volumes

I Obscurezas primitivas—A Prostituição na Antiguidade 300
II Impudicicias de Roma Primitiva—Revasão dos Romanos 30
III Desmoralização Franceza—Tempos modernos 300
IV (o ultimo volume) Tempos modernos 300

Numero 146

Lisboa, 4 de abril de 1912

IV Anno

UM ROUBO NO VATICANO

CAPITULO I

O auxilio

Ainda não findára o mez de abril, e, em Roma, a cidade eterna, sentia-se já um calor, que, habitualmente, só costuma ali haver nos ultimos dias de verão.

Os raios ardentes do sol incidiam sobre os longínquos jardins do Vaticano e os altos muros que limitavam o Valle do Inferno. Da residencia do Santo Padre, das suas brancas paredes, vinham grandes reflexos que scintillavam aos olhos dos guardas papaes que, com os seus garridos uniformes e armas antigas, se encontravam aqui e ali.

As espaciaes janellas da thezouraria, que deixavam para a Piazza della Sacrestia, estavam abertas de par em par, e a uma d'ellas via-se encostada a veneranda figura do cardinal Aviati, um dos principaes da igreja, ancão muito doente e affavel, que dirigira as finanças do Vaticano nos tres ultimos pontificados.

Profundas rugas reveladoras de tristes contratempos, vincavam a box e sympathica physionomia do cardinal Aviati, disfarçado em sacerdote para não despertar suspensas. Ser-me-ha muito agradável que o sr. abade Fiesi, o mais inviolavel segredo, pelo menos até os avistarmos.

«Queria receber a expressão dos meus respeitoos.

Sherlock Holmes»

—Eminencia, anabo agora mesmo de receber de Londres a resposta á minha carta.

E apresentou ao venerando prelado uma carta já aberta dentro de um sobrescripto onde se via o sello inglez.

A physionomia do velho ao receber a missiva das mãos do abade, mostrava, n'um riso resignado, a expressão angustiada do seu desanimo.

—Então está esperando n'esse policia inglez, de quem me contou as faganhas com tanto entusiasmo? Deixo-o n'essa esperança, meu bom filho, mas só tenho fé em Deus e na sua protecção, que é a unica capaz de desvendar o mysterio que envolve a nossa desgraça.

Fiesi lançou um olhar admirado ao prelado, e este, tomando a carta começou a lê-la em voz baixa.

«Ex.^{ma} Sr. Abade

«Com respeito ao pedido que me faz é possível que alguma esperança possa haver. Para isso, porém, é preciso que eu ahi esteja. Parto ainda hoje para Roma, onde devo chegar ao mesmo tempo que esta. Logo que ahi chegar apresentarei-me hei a sua eminencia o cardinal Aviati, disfarçado em sacerdote para não despertar suspensas. Ser-me-ha muito agradável que o sr. abade guarde o mais inviolavel segredo, pelo menos até os avistarmos.

O cardeal deu a carta ao seu secretário, e em tom amável mas muito pouco confiante, o que aliás é costume nas velhas, disse-lhe:

— Pois bem, meu filho, receberei esse inglês.

— Pego-lhe com empenho, Eminência, que tenha confiança em Sherlock Holmes, disse Fiesi. Se alguma possibilidade há de reaver o roubo, só Sherlock Holmes poderá realizar o nosso ardente desejo. Este homem emprega toda a sua extraordinária actividade na descoberta dos mais afamados criminosos, aos quais, por fim, sempre consegue aniquilar.

Dizendo isto o secretário fitava o cardeal.

— Se Deus nos deparar n'esse homem o descobridor dos ladrões, gustosamente consinto que me seja apresentado. E ainda que elle nada consiga, o que é de prever, bom será empregar todos os meios para descobrir o mysterio. Todavia, bem sabe os esforços que a justiça de todo o mundo tem empregado, sem chegar a um resultado satisfactorio.

Mal o cardeal tinha acabado de proferir estas palavras, ouviram-se tres pancadas á porta e um guarda entrou.

O guarda, rapaz dos seus vinte annos, parou no limiar da porta, esperando as ordens do cardeal.

Este sorriu ligeiramente e perguntou:

— Então Giovanni, já acabaste a tua licença?

— Desde hontem, Eminência, respondeu o alabar-deiro.

— Como está o pobre cego, teu infeliz pae?

Um viber rubor tingiu as faces do joven soldado ao ouvir o modo familiar com que o cardeal o interrogava, e, um tanto perturbado, respondeu:

— Muito agradecido, Eminência, meu pae passa melhor e sente-se muito animado.

— Alegro-me com isso, meu filho, diz-me o que pretendes?

Giovanni, satisfeitosimo pela maneira como era tratado, respondeu prontamente:

— Está só o abbade Fabre e pede para ser recebido por vossa Eminência.

— Fabre? Não conheço abbade nenhum com esse nome.

Neste momento acorreu-se-lhe Fiesi, que lhe disse em latim:

— Deve ser aquelle que esperamos.

— Manda entrar o abbade Fabre, ordenou o cardeal ao soldado.

Giovanni retirou-se.

Passados momentos, a porta abre-se de novo, e no gabinete do administrador das finanças do Pontífice entrou um padre alba joven.

O recém-chegado pôde de fazer uma profunda referencia ao transpôr a porta, approximou-se do cardeal, e beijou-lhe a mão cumprimentando-o no mais puro dialecto piemontez!

Aviati e Fiesi ficaram admiradissimos.

Era, com certeza, um verdadeiro italiano, pois não havia nenhum estrangeiro que pudesse reproduzir as subtilidades d'esse dialecto. E essa admiração foi tão grande que o cardeal não se pôde conter, e olhando para Fiesi, disse-lhe:

— Não é este?

— E' sim, senhor, disse, sorrindo o joven padre de cabellos louros ondireitando-se e olhando para os dois.

— Eu sou Sherlock Holmes, proseguir, e peço desculpa de estar illudido por esta forma; mas estes inconfundíveis diafanes não me nosos os meus annos da carreira de criminalista. Emprego as algumas vezes para melhor poder exercer a minha actividade.

Tudo isto pareceu muito mysterioso ao cardeal Aviati, que n'um movimento recio se encostou na poltrona olhando fixamente Sherlock Holmes, que n'esse momento estendia a mão ao secretario.

— E o sr. abbade Fiesi que me escreveu?

Fiesi correspondeu ao cumprimento do grande criminalista com vivel entusiasmo, respondendo:

— Sim, sou eu, e muito lhe agradeço a sua amavel condescendencia.

Sherlock Holmes dirigiu-se então ao cardeal.

— Eminência, agradeço-lhe a deferencia que teve para comigo, escolhendo-me para descobrir o roubo de que foi victima. Não quero roubar lhe tempo com palavras inuteis, por isso, peço-lhe que pomenorize com toda a clareza, todas as particularidades do roubo. O sr. abbade Fiesi escreveu-me dizendo que dois mil-lhões de francos que os peregrinos francezes traziam para offerecer pelo Paschoa a Sua Santidade, desapareceram de uma maneira mysteriosa. Onde estava guardado esse dinheiro?

Aqui, neste gabinete, respondeu Aviati abrindo a pesada porta de ferro d'um cofre, que se achava embutido na parede.

Sherlock Holmes approximou-se.

— Quando desappareceu o dinheiro?

— Ha seis dias, na noite de segunda para terça feira.

— Eram só notas do Banco?

— Não, tambem havia me milhão em moedas de ouro de com francos cada uma, separadas em rolos de com moedas.

— Hum! não era muito facil de transportar. Não desconfia de ninguém?

— Não, respondeu Aviati.

— Nem mesmo presume o caminho que os ladrões poderiam seguir, quando effectuarem o roubo?

— Pensei que seguiram por este corredor no momento em que o guarda se afastou um pouco.

— Não sou d'essa opinião, replicou Sherlock Holmes. Observei bem o local. Era impossivel seguirem

por aqui com um tal peso. Com certeza fugiram por esta janella.

E o celebre criminalista approximou-se da janella, olhou para a Piazza della Sacrestia, inclinou-se um pouco para fóra, examinou detidamente os muros levando a vista a alguns metros abaixo do parapeito.

Pareceu satisfeito do resultado das suas pesquisas, pois que voltando se para o gabinete, mas encostado á hombra da janella, disse com tão grande convicção que fez admirar os seus interlocutores:

— Eram dois os ladrões; um esperava em baixo enquanto o outro lhe deixava o dinheiro que estava dentro de um sacco cõr de cinza.

— N'um sacco cinzento, sim, balbucio o cardeal Aviati profundamente admirado d'este prodigio de investigação, mas como pode saber isso?

Sorindo, Sherlock Holmes inclinou-se novamente para fóra da janella e da parte inferior da grade tirou um delgado fio do panno do sacco.

— Reparem para este fio que pendia da grade da janella, approximem-se, e verão ainda o vestigio que sobre a madeira deixou um cordel bastante fino que ali esteve atado.

Os dois padres approximaram-se da janella e examinaram o ponto indicado por Holmes onde realmente havia signaes de ter sido ali atado um cordel muito fino.

— Como voem, o cordel era fino, esclareceu o policia, pois as voltas feriram a pintura branca da madeira, e pela espessura dos golpes se pode avaliar a grossura do cordel. Além d'isso é certo que elle apenas serviu para lançar para baixo o sacco do dinheiro.

— Perpendicularmente da janella ás pedras do solo, voem-se evidentes vestigios da pressão feita pelo peso do sacco ao tocar no chão. Logo que de baixo rosearam o sacco, o ladrão que aqui se encontrava, soltou o cordel, deitando o para baixo, e saltou pela janella. Naturalmente o parapeito já foi lavado, do contrario conhecer-se hiam nitidamente, na pintura branca, os signaes das suas mãos que não deviam estar muito limpas. Elle collocou-se na posição que os vestigios que ficaram, indicam, e saltou para baixo sobre a areia.

Aviati e Fiesi ouviram esta explicação profundamente silenciosos, e seguiram attentamente o raciocinio do ingles.

— Como paderam os dois sair dos Jardins do Vaticano? perguntou o abbade Fiesi.

— E' o que me resta ainda averiguar, respondeu Sherlock Holmes. Mas presumo que saltaram pelo muro, visto que todas as portas se encontram rigorosamente guardadas.

E dirigindo-se ao cardeal.

— Pego-lhe, Eminência, que me facilite a entrada

nos jardins, pois desejo descobrir o ponto onde se deu a escalada.

As duvidas que Aviati tivera na sua ultima conversação com o abbade Fiesi, tinham-se completamente dissipado, graças á convincente logica do celebre criminalista.

Dirigindo-se amavelmente a Holmes disse-lhe:

— Meu filho, Deus deu-lhe, segundo vejo, uma extraordinaria perspicacia, e eu, que durante a minha longa vida aprendi a desconfiar das açoes dos homens, tenho inteira confiança em si. Vou dar-lhe um salvo conduto para poder entrar livremente nos jardins do Vaticano; mas proceda de maneira que a policia de Roma não tenha conhecimento d'este roubo, para que não intervenha na descoberta dos criminosos, pois não queremos que isto seja do dominio publico, porque os nossos inimigos se serviriam d'este facto como arma para nos agredirem. Além d'isso peço-lhe que me garanta sob suas palavras de honra que, do resultado das suas pesquisas, nenhum homem, nem mesmo os proprios ladrões serão atingidos na sua existencia. Por esse preço não quero reaver os dois mil-lhões roubados.

Sherlock Holmes ficou profundamente impressionado pela grandeza d'alma do bom velho, magnanimidade que poupava até os seus inimigos, e os piores malfeitores.

— Eminência, pode ficar convencido que não preciso da cooperação da policia official, e alegro-me que não me imponha a condicção de trabalhar com ella, que só poderia prejudicar-me nas minhas investigações.

— Creia que proverei com a maior prudencia. Espero pois que me dê o salvo conduto para ter entrada livre nos jardins.

Aviati não respondeu. Sentou-se á secretária e redigiu um salvo conduto que permitia ao abbade Fabre entrada franca nos jardins do Vaticano.

Sherlock Holmes guardou-o na sua carteira, que mettu em um bolso interior do sacco e com uma profunda inclinacão despediu-se apressadamente do cardeal e do secretario.

CAPITULO II

O primeiro passo

O abbade Fabre afastou-se a largos passos do Vaticano e dirigiu-se para o Hotel da Europa, que está situado na Piazza Cavour, em frente do Palacio da Justiça.

Logo que entrou no vestibulo do elegante hotel,

saiu-lhe ao encontro um rapaz ainda novo, respirando vida por todos os poros, e vestido da seminarista.

—Então, mestre, já encontrou alguma pista? perguntou elle em voz tão baixa, que, os que estavam mais proximos, não poderam perceber que a conversa era em inglez.

—Alguna coisa consegui já, meu caro Harry, respondeu Sherlock Holmes, que, como os nossos leitores sabem, se differença em abade Fabre, assim como Harry em seminarista, mas precisissimos ainda trabalhar muito mais.

Mestre e discípulo entraram na casa de jantar. Enquanto o creado lhes apresentava uma refeição confeccionada á moda da cozinha italiana, e que estava longe de agradar ao paladar dos dois inglezes, Sherlock Holmes lhe expõe em voz baixa os seus planos a Harry Taxon.

Se os vestígios do roubo estivessem ainda por debaixo da coberta, não poderiam ser sufficientemente nítidos, pois já decorreu uma semana desde que o roubo foi feito, e bastaria este espaço de tempo para os apagar.

Sherlock Holmes calou-se. Acabara a refeição, e elle e o seu discípulo saíram para a rua. Afastaram-se na Piazza de S. Pedro e, enquanto Sherlock Holmes mostrava ao guarda o indispensavel salvo conduto para ter ingresso nos jardins do Vaticano, por uma porta situada em frente da igreja de S. Pedro, Harry seguia apressadamente pela via Aurelia para chegar aos muros da residencia papal.

O piedoso abade, que era seguido pelos olhares curiosos dos guardas, internou-se pelos immensos jardins; mas a grande riqueza das installações não se via a phantasia dos celebres artistas de todos os tempos, não o interessava. Com largas passadas percorria as ruas cobertas de areia até que encontrou um muro que interceptava aos olhos dos profanos o magnifico panorama. A léste do jardim, para o lado do Val de Inferno o muro fazia um angulo muito agudo. O abade parou e lançou em volta olhares perscrutadores, para ver se a sua presença ali, era notada por algum. Mettendo depois dois dedos na bucca soltou um ligeiro assobio que foi logo correspondido do outro lado do muro.

Aceitou a cabeça com modo satisfeito e começou as suas pesquisas. Tomou a direcção nordeste costando o muro, observando-o attentamente para ver se nas proximidades alguma se encontrava, e dava de tempos a tempos o mesmo signal, que era regularmente correspondido da parte de fóra.

Esta inspecção ao muro durava havia já uma hora, quando o celebre criminalista parou subitamente no ponto em que o muro era um pouco mais baixo. Assobiou mais duas vezes, esperou que o signal fosse correspondido, e observou o muro com mais attenção. Depois entrou no bosque, sempre rente com o

muro, e viu alguns ramos de arvore sobre a relva. Levantou um dos ramos do chão e examinou a parte cortada.

Estava ainda um pouco fresco, e o que lhe provava ter sido separado ha muito tempo do tronco. De resto, á mais simples observação se via que os ramos tinham sido arrancados e não cortados.

Sherlock Holmes não se satisfazia porém com tão fracos indícios.

Descobriu tambem n'esse ramo alguns raspos, signal evidente de que tendo cedido ao peso de um pé que n'elle procurara apoio, se quebrara resvalando por elle o pé que produzira aquelles raspos.

O olhar investigador do policia dirigiu-se para o chão mais ali, nada pôde descobrir que o interessasse. Depois ergueu o para o muro que se erguia por detrás do bosque.

Um lampejo de alegria lhe illuminou o rosto ao ver na parede branca os mesmos signaes que os sacos do dinheiro tinham deixado debaixo das janellas do cardinal.

—Foi por aqui que transportaram os sacos, disse Hol e de si para comello, o peso do peso dos sacos roçando pelo muro tiraram a cal branca e deixaram a descoberta a cor do ladrilho.

Efectivamente os ladrões poderiam ter transportado por ali o seu roubo para o levarem para logar seguro.

O muro devia ter uns cinco metros de altura, e Sherlock Holmes viu mais a cima outro signal que mais o confirmou na sua opinião.

—Foi por aqui, p'isso, que os ladrões saíram do Vaticano.

Ouho em volta, observando.

Pela esquerda encobria-o um gigantesco castanheiro cuja ramagem caia sobre o muro; mas á direita via um guarda que descia o outeiro a passos vagarosos, e isto despreocupado que não notara a presença do celebre criminalista da parte detrás do bosque.

Sherlock Holmes assobiou novamente e esperou. Da parte opposta do muro arremessaram-lhe uma corda delgada e resistente, e puxou-a para o logar onde tinha visto os signaes.

Mais uma vez olhou em roda para se assegurar que não era observado; em seguida subiu agilmente pela corda. Chegando ao cimo, encoberto pelos ramos de castanheiro olhou para baixo onde Harry estava seguindo a outra extremidade da corda.

—Os ladrões treparam por aqui, disse o fingido abade para Harry Taxon. O muro mostra ainda vestígios recentes das suas pegadas que tiraram a cal do muro, deixando os tijolos a descoberto.

—Mas que é isto?

O policia calou-se e curvando-se onde havia alguns buracos viu n'eller alguma terra cinzenta.

—O que ha? perguntou Harry com interesse.

—Um momento, meu rapaz, deixa-me primeiro proceder.

E com todo o cuidado guardou n'um papel alguma d'aquella terra. Este achado alegrou-o e metteo o embrulho no bolso.

Procurou descer com todo o cuidado para não apagar os vestígios encontrados. Atirou com a corda para Harry, afastou-se uns dez metros e desceu agilmente para o Valle do Inferno.

Depressa se encontrou ao lado do seu ajudante, que lhe perguntou:

—Então, mestre, que encontrou lá em cima?

—Encontrei uma coisa preciosa, respondeu Sherlock Holmes, desembrulhando o papel que continha a terra e mostrando-l'ha.

Harry Taxon ficou altamente admirado ao ver o que o seu mestre lhe mostrava.

—Mas o que é isso, mestre?

Holmes respondeu-lhe, sorrindo:

—Cinza de lava que se encontra nas proximidades do Vesúvio e mesmo n'alguns arredores de Naples, a Oeste.

—E o que conclue d'isso? perguntou Harry.

—Se a cinza foi levada pelo calçado dos ladrões que a depositaram nas cavidades, quando ali firmaram os pés, o que não posso affirmar, é isso um grande elemento para facilitar as nossas pesquisas.

—Não é crível que alguem se lembrasse de ir passear por cima dos muros, por simples divertimento. Este pó característico da lava dos vulcões não pode ali estar ha muito tempo porque as ultimas chuvas o teriam feito desaparecer.

—Vamos agora ver o que se encontra d'este lado do muro.

Os dois voltaram ao logar por onde os ladrões haviam desido e olharam para o chão.

Sherlock Holmes descobriu ali alguns fios dos sacos perfeitamente eguaes áquelles que havia encontrado por baixo do parapeito da janella do gabinete do cardinal Aviat. Isto mais o convenceu de que estava na verdadeira pista.

—Mestre, o que é isto? perguntou Harry agilmente apontando para o chão. Parece ser uma moeda.

Sherlock Holmes já se tinha approximado; ajoelhou-se e apunhou um botto de prata do tamanho de uma moeda de um tostão.

Do labio saiu-lhe uma exclamação de alegria ao examinar este novo achado.

—Sabes, meu rapaz, o que é isto? perguntou triunphante ao companheiro.

—Um botto de uniforme, respondeu Harry, examinando-o, e tem gravadas as armas do Pontífice.

—Muito bem, replicou o grande criminalista, e estes bottes fazem parte do uniforme da guarda papal.

—Não é para admirar encontrar este botto nas proximidades do Vaticano, mas, por um exame que fiz esta manhã no corredor enquanto esperava que me annunciasssem ao cardinal Aviat, tive logo uma ligeira suspeita.

—Pensa que o roubo tenha sido praticado por algum dos guardas? perguntou Harry Taxon.

—Não, respondeu Sherlock Holmes. Não teria necessidade de tomar este caminho perigoso para pôr o roubo em sitio seguro. Não posso dizer ao certo. Tu voltas agora para o hotel e eu estarei lá dentro de uma hora se as minhas suspeitas se confirmarem.

CAPITULO III

Cinza de lava

O abade Fiesi estava sentado no seu gabinete particular, que era ao lado do gabinete do administrador das finanças do Papa.

Uma grande excitação nervosa se tinha apoderado do abade Fiesi desde a chegada de Sherlock Holmes e sobretudo depois da descoberta que este fizera na sua presença e na do cardinal. Estimava este bom velho como um paiz, o roubo impressionara-o profundamente, não só pelo seu valor, mas muito principalmente por saber quanto o cardinal Aviat devia soffrer no ultimo quartel da vida, tendo até então desempenhado com o maior escrupulo e honestidade, o cargo de administrador das finanças dos tres Pontífices.

A sua ultima esperanza estava em Sherlock Holmes e ficou muito mal impressionado por ver que o cardinal pouco confiava na habilitação e perspicacia do grande criminalista.

N'este momento, porém, sentia-se um pouco mais tranquillo. Como sempre, onde se apresentava Sherlock Holmes, dava provas evidentes da sua alta competência e coragem, e Fiesi estava satisfeito por ver que o cardinal seguia os trabalhos do celebre criminalista com mais confiança e interesse.

Se o entusiasmo de Aviat não se exteriorizava como o do seu secretario era porque o bom velho era pouco expansivo.

Fiesi esperava Sherlock Holmes de um momento para o outro e por isso não se admirou, quando, ás cinco horas da tarde Giovanni veio annunciar o abade Fabre.

Fiesi levantou-se para ir ao encontro da visita, porém Sherlock Holmes adiantou-se para elle cumprimentando, e lançando um profundo olhar para Giovanni que saia do gabinete fechando a porta pela parte de fóra.

O abade Fiesi cumprimentou amigavelmente o grande polícia, esperando ansioso que este lhe comunicasse o resultado dos seus primeiros trabalhos de investigação, e notou a maneira como elle olhava para Giovanni.

Logo que a porta se fechou, perguntou em voz baixa:

—Este guarda desperta-lhe algum interesse sr. Holmes?

—Mais do que suppõe, senhor abade, pois estou convencido que este homem sabe qualquer coisa relativamente ao roubo.

Fiesi olhou espantado para o celebre policia.

—O que disse, Giovanni?... elle?... não é possível...

—Perdão, senhor abade, não me comprehende bem. Quando digo que o guarda sabe alguma coisa do roubo não affirmo que elle seja o ladrão, nem mesmo cumplice.

—Creio que o senhor labora n'um erro, atrevese a dizer Fiesi.

—Não me admirava isso, mas não o creio, disse Sherlock Holmes sorrindo, e tirou da algibeira o botão de prata que tinha encontrado junto do muro que deixava para o Valle do Inferno.

—Descobri um lugar no jardim, perto do muro, por onde os ladrões passaram o roubo, e na terra um pouco calcada, encontrei este botão que, com certeza, conhece.

—Certamente, e um botão do uniforme da nossa guarda, respondeu Fiesi, ouvindo com espanto a narrativa de Sherlock Holmes.

—Bem sei, respondeu Sherlock Holmes, pois as armas de S. Pedro assim a indicam. Estes botões são tão usados nos dolmans dos uniformes.

Fiesi accenou a cabeça em signal de approvação. Holmes proseguiu:

—Observei hoje todos os guardas do Vaticano e só encontrei um que tinha na guarda o botão novo que, com toda a certeza deve ter substituído este que eu tenho na mão.

—E quem é esse guarda? inquiriu Fiesi.

—Aquelle a quem chama Giovanni, respondeu Sherlock Holmes.

Fez-se profundo silencio.

A admiração de Fiesi augmentava á proporção que o policia fallava.

Por fim, Holmes quebrando o silencio, accrescentou:

—Tenho interesse em fallar com esse homem.

—Vou satisfazer o seu desejo, acceden o abade.

E premiu o botão de uma campainha electrica que estava sobre a secretária.

Momentos depois Giovanni entrava no gabinete.

Sherlock Holmes olhou-o fixamente e fez-lhe si-

gnal para que se approximasse a fim de o poder observar melhor.

Giovanni, que estava longe de pensar do que se tratava, obedeceu á indiciação do abade e aproximou-se da janella.

O olhar do supposto abade dirigia-se para o uniforme do guarda que estava na sua frente.

—Quando coiza esse botão, o terceiro da linha do lado direito do seu uniforme?

—Antes de hontem, respondeu Giovanni admirado.

—Esse botão é novo. Onde está o outro?

—Perdi e o não sei como, respondeu o guarda cada vez mais admirado.

—Pode dizer-me onde desconfia tê-lo perdido?

—Certamente em casa quando estive de licença.

N'esta altura Fiesi interrompeu o dialogo; disse e explicou a Sherlock Holmes a licença a que Giovanni se referia.

—O pobre rapaz, disse, tem o pae cego, residindo n'uma pequena aldeia perto da Torre do Grego. Tendo ultimamente fallecido, o senhor cardinal deu licença a Giovanni para ir visitar o pae fornecendo-lhe dinheiro para a passagem.

Ao ouvir o nome da Torre do Grego um lampejo de alegria illuminou o semblante do grande criminalista. Sabendo que este logarejo estava muito proximo do Vesuvio, perto do golpho de Naples, mais se lhe arreigou no espirito a suspeita de que a cinza da lava havia sido levada para o muro pelos proprios ladrões.

—Que tempo esteve de licença? perguntou Sherlock Holmes a Giovanni.

—Oito dias, respondeu o rapaz, sem perceber que as suas respostas tinham a maior importancia para o supposto abade.

Sherlock Holmes reflectiu um pouco, e depois fixando o rapaz, disse:

—Muito bem, ouça o que vou dizer-lhe, e diga-me depois se os factos que vou apontar-lhe correspondem á verdade: Logo que chegou á cabana de seu pae, despiu o uniforme, substituindo-o por um fato á paizana. Terminada a licença vestiu-o de novo e notou então a falta de um botão, reparando tambem que o uniforme não estava na mala onde o tinha guardado.

Pensou que talvez seu pae lhe tivesse meado, e, sem dar mais importancia ao facto, partiu para aqui, e logo que chegou, pediu um botão para substituir o que lhe faltava.

O guarda olhava attonito para o abade Fabre.

Tudo o que elle dissera era verdadeiro.

Como podia saber-se isto, se elle a ninguem o tinha contado?

—Tudo isso é verdade, disse o rapaz no cumulo da admiração.

Sherlock Holmes sorriu. Depois perguntou:

—Como se chama seu pae?

—Chamam-lhe o velho Spuli, senhor abade, está completamente cego, e vive n'uma cabana com o seu tel tel Cecco.

—Obrigado, meu rapaz, pôde retirar-se.

Giovanni saiu do gabinete intrigado.

O policia e o secretario do cardinal ficaram sós.

Sherlock Holmes lá com evidente satisfação no rosto de Fiesi a desconfiança que o assassinava, e os esforços que fazia para comprehender o procedimento do criminalista.

—Está então convencido que Giovanni tem qualquer cumplicidade no roubo? perguntou finalmente Fiesi.

—Não tenho duvidas a esse respeito, respondeu Sherlock Holmes; e para satisfazer a sua impaciencia, vou explicar-lhe o caso. Tranquilize-se, a respeito de Giovanni. Estou convencido que este rapaz não teve accção directa no roubo. Desconfio, porém do pae d'elle, o velho Spuli.

—Não quero, porém, formar uma opinião anticipada a este respeito, sem o elle dados mais positivos no proprio logar. Posso, todavia, desde já assegurar-lhe, que estou intimamente convencido, que o roubo se encontra guardado na Torre do Grego ou nas proximidades.

—Por emquanto não quero accusar o pae do guarda Giovanni, mas estou convencido que elle conhece os ladrões, pois que elles se aproveitaram do uniforme do filho, sem que este o soubesse. Um dos ladrões vestiu o uniforme do guarda para poder operar melhor sem despertar desconfianças, e ao saltar o muro perdeu o botão que encontrei no Valle do Inferno.

Todas as duvidas do abade Fiesi desapareceram quando Sherlock Holmes, tirando do bolso um papel cuidadosamente embulhado, o desdobrou apresentando-lho:

—Veja, sr. abade: encontrei este pó nas fendas do muro que limita o Vaticano, exactamente no logar onde saltaram os ladrões. Não é pó da estrada, mas cinza, e observando a bem, tem todos os caracteristicos de cinza de lava que só se encontra nas proximidades do Vesuvio, e dos logares situados na falda do vulcão. Esta cinza foi para alli transportada pelo calçado dos ladrões. Vieram directamente da sua terra, onde ha certamente muita d'esta lava, para aqui a fim de praticarem o roubo, pois se se tivessem demorado algum tempo em Roma, a cinza adherente á sola do calçado desappareceria substituído pelo pó das ruas.

—Como já lhe disse, o autor do roubo vestiu o uniforme do guarda Giovanni, que a esse tempo se encontrava na Torre do Grego, proximo do Vesuvio.

O botão que encontrei é uma prova evidente do que affirmo.

—Agora resta saber se foi o velho quem emprestou

o uniforme aos gatunos para que um d'elles tivesse mais facil ingresso no Vaticano, ou se os proprios ladrões, aproveitando-se da cegueira de Spuli, o tiraram da mala, collocando-o depois apressadamente no mesmo sitio. Inclino-me para esta ultima hypothese, pois se o pae de Giovanni o tivesse emprestado, apesar de ser cego, collocar-lo hia na mala com mais cuidado, e o filho não notaria a desordem em que o encontrou quando quiz vesti-lo, como se vê pelos vincos que ainda apresenta.

Com os olhos brilhantes de alegria, o abade Fiesi escutava attentamente o grande policia, ao qual perguntou:

—Posso confiar o que acaba de me dizer ao cardinal Aviat? A esperanza de um bom exito deve suster-lhe o desgosto que sente.

—Da melhor vontade, respondeu Sherlock Holmes, mas é absolutamente preciso para o bom resultado final, que tanto o sr. abade, como o cardinal guardem o mais inviolavel segredo.

—Permitta-me que me retire e queira apresentar os meus cumprimentos ao seu venerando chefe. Vou partir para a Torre do Grego, e durante alguns dias não me verá. Quando regressar, espero trazer-lhe o roubo.

Separaram-se com um aperto de mão e Sherlock Holmes tomou a direcção do hotel.

CAPITULO IV

O cego

Em Wispatii, pequena aldeia das proximidades da Torre do Grego, existe uma grande fabrica de vidros, propriedade de uma companhia inglesa.

N'ella se fabrica toda a especie de artigos n'aquelle ramo de industria, mesmo os mais luxuosos, podendo vantajosamente competir com todos os mercados estrangeiros.

A população pobre dos logarejos circumvizinhos do Vesuvio está ali empregada, e a direcção superior entregue a empregados ingleses.

O director principal da Anglo-Italian Glassmanufacturing Company Ltd, era um inglez respeitavel e sympathico abade Hagarth.

Estava sentado no escriptorio lendo a sua correspondencia diaria, quando o criado lhe annunciou a visita do abade Fabre.

Hagarth mandou entrar o visitante, esperando anticipadamente algum pedido de caridade, o que frequentemente succede na Italia junto dos estrangeiros ricos.

Levantou-se e foi ao encontro do abade que entrara no escriptorio.

Estava tão certo que se tratava de um pedido, que ficou altamente admirado quando o visitante fechou a porta atrás de si, e se lhe dirigiu em inglês:

—Então, Boly, já me não conhece?

Hogarth olhou no cumulo do espanto para este extraordinário padre que, sorrindo, tirou o barrete que lhe cobria a cabeça, pondo a descoberto uma opulenta cabeleira que lhe caía sobre o testa.

—Holmes! exclamou Hogarth alegremente, reconhecendo o folgado companheiro da sua juventude, condiscípulo no collegio de Eton e mais tarde na universidade de Oxford.

Após as naturais expansões entre dois velhos amigos que ha longos annos se não viam, e como Sherlock Holmes não queria perder tempo, declarou ao seu amigo que andava seguindo a pista d'um importante roubo, e que os ladrões se encontravam provavelmente nas proximidades da fabrica.

Hogarth não se mostrou admirado, pois conhecia a moralidade da gente que o rodeava e a actividade e perspicacia do seu amigo, cuja fama como criminalista era de todos bem conhecida.

Compreendeu, pois, que Sherlock Holmes estava tratando de um inquerito importante.

—Com esta gente d'aqui nada me admira, replicou Hogarth. Ou os auctores do roubo pertencem ao bando dos Camaristas, ou trabalham por sua conta. Hontem um vendedor de cavallos da Torre do Grego, quiz roubar-me impingindo-me um que para nada servia.

N'este momento Hogarth olhou para fóra da janella.

Dirigindo-se ao amigo, disse lhe:

—Quero mostrar-te alguns da quadilha. Não sei d'onde vieram, mas certamente algum refugio teem nas proximidades.

—Se não dou pela presença d'elles e compro o cavallo, era fatalmente roubado.

Sherlock Holmes sorriu e cobriu-se de novo com o barrete.

A' entrada do portão estava um rapasito pobremente vestido e nada limpo segurando pela rédea um cavallo de optima apparencia. N'este momento, do lado esquerdo do portão, onde havia um banco velho, ouviram uma voz dizer:

—Bons dias, sr. Hogarth.

Os dois amigos olharam um para o outro. O que fallára era um pobre velho, de rosto aspergaminhado e cego que estava sentado no banco segurando por uma corrente um corpulento cão preto, seu guia e companheiro fiel.

—Quem é este homem? perguntou o grande criminalista ao seu amigo.

—N'estas trinta milhas em redor é o unico homem honrado que se encontra n'esta terra maldita, respondeu Hogarth.

E dirigindo-se bondosamente ao velho:

—Bom dia, Spuli, como me reconheceu?

—Pelo cheiro do tabo inglez, senhor, respondeu-lhe o cego.

O gabinete do director da fabrica ficava no rez-do-chão do edificio.

O velho aproximára-se da janella guiado pelo cão, e quando presentia que Hogarth lhe estendia a mão, estendeu elle tambem a sua correspondendo ao cumprimento.

Os dois inglezes dirigiram-se para o cavallo e Spuli seguiu-os.

O cego aproximou-se do cavallo, e o criminalista, tendo ouvido o nome de Spuli, seguiu todos os movimentos do cego com crescente curiosidade.

O velho, sem que ninguém lhe mandasse, começou a fazer um minucioso exame ao cavallo. Collocou a mão esquerda, que segurava a corrente do cão no ventre do animal, e com a direita apalpou todo o corpo, passando-lhe a seguida, por diante dos olhos.

Depois sorrindo-se disse para o director:

—Já pagou o cavallo, sr. Hogarth?

—Ainda não.

—Pois então não o pague; esta gente quer enganar o.

—O que é que descobriu, pae Spuli?

—O animal é cego dos dois olhos, como eu.

—Como sabe isso?

—Isso é segredo meu; mas se o senhor quer certificar-se, mande examinar o cavallo por um veterinario, que ha de confirmar as minhas palavras.

O velho mostrava grande satisfação por ter prestado um serviço ao director da fabrica, livrando-o de um prejuizo. Foi uma leve pressa na corrente, indicando ao cão que seguisse e comprimentando os dois inglezes proseguiu o seu caminho.

O garoto que segurava o cavallo e que era um agente dos negociantes da Torre do Grego, resumangava e insultava o velho, por ter descoberto a patifaria.

Sherlock Holmes que tinha presenciado toda esta scena com a maior attenção, aproximou-se do cavallo e confirmou o que o velho havia dito ao seu amigo.

O cavallo era realmente cego, e o velho Spuli tinha notado isso não só pelos passos incertos do animal como por tel-o apalpado com esse tacto especial dos cegos.

Hogarth mandou afastar d'aí o cavallo, e Sherlock Holmes dirigiu-se-lhe nos seguintes termos.

—Bobby, vou pedir-te um favor.

—Considera-o desde já concedido.

—Então ouve. O velho Spuli interessa-me parti-

cularmente no sentido do fim a que me proponho. Pego-te que me indiques a maneira de me aproximar do cego para lhe poder fallar sem despertar suspeitas. Não te preoccupes com a minha ausencia; virei em tempo oportuno, e contat-te hei tudo. Conto, porém, contigo, e é possível que chego do teu auxilio.

—Compreendendo o alcance das tuas palavras, e estou incondicionalmente ao teu lado, para prestar-te o auxilio de que careças. É facil fallares com o velho Spuli, pois que habita n'uma cabana que en lies do, mesmo no fim da aldeia. E' homem sério e honrado com quem se pôde tratar qualquer coisa de importancia. Como já te disse, n'estas proximidades é o unico homem honrado que conheço.

—Com excepção das tuas pessoas, disse sorrindo Sherlock Holmes.

—Eu não me conto no numero dos habitantes d'esta região. Espero voltar em breve para a minha querida patria.

Ditas estas palavras ambos se dirigiram para casa.

—Agora vou deixar-te, disse Sherlock Holmes.

—Como? Então não queres jantar comigo, depois de uma tão longa ausencia? perguntou Hogarth desgostoso.

—Não, não, meu amigo, quando regressar depois de ter concluido o meu trabalho. Adeus.

Despediram-se, e Sherlock Holmes dirigiu-se para a cabana do velho Spuli.

A casa do pae de Giovanni estava situada no fim da aldeia, em uma profunda caverna, que tanto abundava nas proximidades dos vulcões.

Um pequeno arvoredo cercava a cabana, d'onde não se avistava nem a cratera do vulcão, nem o golpho de Naples. O silencio ali apenas era interrompido pelos gritos de uma ou outra ave de rapina.

Sherlock Holmes aconceu-se da porta e notou que não tinha fechadura. Bateu, e ouvindo do lado de dentro a palavra entres, empurrou a porta e entrou.

Encontrou-se em uma pequena casa, illuminada por uma estreita janella. Era guardada por uma pobre e velha mobilta, mas tudo muito acalado e limpo.

A um canto via-se uma cama velha. Uma mesa e algumas cadeiras constituam o resto do mobiliario.

Pelas paredes alguns quadros com santos dispostos sem symetria e uma arca encostada em frente da entrada ao lado de uma porta que dava ingresso a um outro quarto. Este servia de cozinha, pois via-se um fogareiro apagado e sobre elle uma panela. A um canto uma cama enrodada.

Sherlock Holmes havia notado todas estas particularidades.

Na cama enrodada dormia Giovanni quando ia visitar o pae e na arca guardava o fardamento muito bem acondicionado. D'aí e haviam tirado os ladrões,

tornando a collocar o á pressa todo amarratado e com a falta de um botão.

O criminalista dirigiu-se para o cego que estava sentado junto da janella, tendo ao lado o cão que lhe d'ava e arrementa contra o visitante.

—Meu caro Spuli, venho preucual-para lhe fallar a respeito de Giovanni.

—Ah! é a pessoa que fallava ha pouco com o sr. Hogarth em ingles, conheço-o pela voz, disse o velho.

—Não se sugana, respondeu Sherlock Holmes. Venho para fallar contigo; mas antes devo dizer-lhe que a ultima lieença que seu filho Giovanni pegou na sua companhia, lhe foi prejudicial. O rapaz estagrou completamente o uniforme.

O velho prestava grande attenção ao que lhe dizia.

—Isso mesmo esperava eu, redarguiu o velho; mas creia, senhor, que não foi elle só, pois os outros rapazes tambem se azeviram d'elle para se divertirem, segundo disseram, mas pelas minhas observações supponho que o utilisaram para praticar uma má accão.

Sherlock Holmes escutava com a maior attenção e o velho começou a fazer-lhe algumas declarações.

Não podia pensar no cumplicidade do velho com os auctores do roubo; mas o que o cego lhe contava dava-lhe elementos para as suas futuras investigações.

Não o interrompia temendo despertar lhe suspeitas.

Neste momento ouvín-se o apito da fabrica indicando a hora do almoco.

Da janella da cabana via-se sair o pessoal, e alguns operarios dirigiram-se para o pequeno bosque situado proximo da cabana de Spuli a fim de tomarem a sua refeição sob a sombra do arvoredo.

O cego continuava preoccupado e acariaciva o cão que segurava pela corrente.

De repente o animal fez um arremesso contra a porta. Spuli escutou e disse baixo para o visitante:

—Lá fóra está um d'aquelles homens de quem lhe fallou.

N'um pulo, Sherlock Holmes aconceu-se da porta e olhou para fóra.

Viu dois homens que, ao verem um abade, o olharam desconfiados afastando-se; e reinolho se apressadamente aos outros operarios.

Sherlock Holmes seguiu os com o olhar, não os perdendo de vista apesar de se terem misturado com os outros companheiros. Esteve alguns momentos entre a porta, e depois encaminhou-se novamente para o velho. Este fez signal ao criminalista para que se aproximasse mais, dizendo lhe em voz baixa:

—Senhor, quero dizer-lhe alguma coisa que não deve ser ouvido por ninguém mais; aqui não estamos á nossa vontade. Quero contar-lhe um segredo importante, pois receio que as consequencias de d'elle resultem sejam causas das maiores desgraças.

No caminho para a aldeia de Sartomiglia existe um valado, a distancia de meia hora d'aqui, e n'elle uma cruz de pedra. Vou dirigir-me para lá e esperar pelo senhor para lhe contar o que sei.

E com vos tremula pergunta:

—O senhor sabe se succedeu alguma coisa desagradavel a meu filho? Se assim foi, asseguro-lhe que é infundada qualquer suspeita que sobre elle recai, pois o meu Giovanni é um rapaz serio e honrado.

Sherlock Holmes vendo os receios do pobre cego tranquillizou-o dirigindo-lhe algumas palavras em voz baixa.

Sherlock Holmes olhou de repente para a janella, e pareceu-lhe ver de repente desaparecer a cabeça de alguém que espriava.

Correu para a rua, dos volta á cabana, mas não viu ninguém. Sómente a grande distancia, viu um grupo de operarios, já proximo da fabrica.

Entrou de novo na cabana e dirigiu-se ao velho n'estes termos:

—Meu amigo, o proprietario da fabrica disse-me que o senhor é um homem honrado, e eu assim o creio. Esta noite ás nove horas encontrar-me-á junto do cruceiro que está no vallado do caminho para Sartomiglia. Dir-me-á então toda a verdade de que depende a felicidade de Giovanni.

—Tambem creio na innocencia de seu filho, mas suspetam d'elle, e essas suspetas só podem desaparecer, quando forem encobertos os verdadeiros culpados. Nada receie, por tanto, pois ajudarei a provar a innocencia de seu filho.

Despediu-se do velho e dirigiu-se para a Torre do Grego.

CAPITULO V

O segredo do cego

Da janella da casa de jantar do pequeno e pouco confortavel hotel onde o abbade e o seu companheiro Rivelli se tinham hospedado, via-se ao longe, por cima das cabanas dos pescadores, sujas e mal cheirosas, o golpo de Naples. A este pequeno quarto baixo e constantemente cheio de fumo, tinha a dona do hotel dado o nome pomposo de casa de jantar.

A proprietaria, Laura Tambutti, estava realmente convencida da importancia da sua casa.

Laura Tambutti era uma quarentona muito accetavel ainda, de formas salidas e robustas, farras e bellos pretos, de feições morenas e sympathicas, com todos os traços da belleza napolitana.

Sorridente e amavel entrou na sala de jantar, ap-

proximou uma pequena mesa para junto da janella, e tirando de um velho armario duas chavenas e um ascacero collocou-as sobre ella.

Sherlock Holmes admirou-se de ver a dona do hotel fazer este serviço em lugar do creado, mas ella dirigiu-se ao criminalista, disse:

—O sr. abbade desculpára ser eu quem lhe venha servir o café, mas o creado foi fazer algumas compras indispensaveis e vejo-me eu na necessidade de fazer este serviço. Deseja algum licor?

—Não, minha senhora, obrigado.

—Então trago lhe já o café. E com a ligeireza e vivacidade proprias das mulheres do sul, Laura saiu da casa de jantar.

No corredor um homem parecia esperar por ella. Mas, como ella naturalmente não queria que elle fosse visto pelos hospedes, fechou rapidamente a porta da sala de jantar.

O homem seguiu-a em silencio, entrou com ella na cozinha, e com um gesto mysterioso entregou-lhe um frascoinho contendo um liquido de oír escuro.

A mão de Laura tremia quando pegou no frasco, e o olhar perturbou-se-lhe.

Porém o homem pareceu não notar nada de particular n'esse olhar.

—Aqui tens, disse-lhe, para deitares no café dos dois padres. Entretanto, eu farei o possivel para que Spuli nada mais diga.

Laura Tambutti pareceu hesitar e a medo balbucios:

—Mas, Pedro, attende!...

Este não a deixou ouvir e disse-lhe brutalmente:

—Nada do sustos. Os padres não morrem por beberem isto. Dormirão apenas vinte e quatro horas, e quando despertarem já o ultimo vestigio terá desaparecido, e então nada teremos a recear.

N'este entretanto a dona do hotel deixava o café n'uma cafeteira e com mãos tremulas, agitava o frasco na presença de Pedro, e misturava-lhe o contheudo.

Este intervalo foi aproveitado por Sherlock Holmes para contar a Rivelli, que era o nosso sympathico Harry Taxon, o que lhe havia acontecido n'aquella manhã. Dizendo lhe tambem que tinha de entrevistar-se n'essa mesma noite, ás nove horas, com o velho Spuli, perto do cruceiro, no caminho para Sartomiglia.

—Quer que o siga, mestre? perguntou o dedicado discipulo ao criminalista.

—Não é preciso, meu caro, se precisas de ti, aqui te vires procurar.

E tu, o que observaste aqui?

—Nada de extraordinario. Mestre, respondes Harry. Laura Tambutti deixou-me em Naples pela sua vida agitada e pouco regular. E' natural da Torre do Grego, e teve dois irmãos, Alexandre e Pedro, que estão empregados na fabrica de vidros, um, como con-

tra-mestre e o outro como capataz. Têm um aspecto pouco atrahente, e creio que são para temer.

N'este momento entrou a dona do hotel e poz a cafeteira sobre a mesa. Foi buscar ao armario uma leiteira e serviu os dois liquidos aos hospedes.

O recio e hesitação que mostrára na cozinha haviam desaparecido completamente. Perguntou aos hospedes se precisavam de mais alguma coisa, e sendo-lhe respondido negativamente, saiu da casa de jantar.

Harry foi o primeiro que chegou a chavena aos labios, collocando-a immediatamente sobre a mesa com um gesto de contentadade.

—Que mau gosto tem esta bebida disse.

—Mas tu não podes esperar que n'um hotel d'esta ordem se encontre o verdadeiro moka, respondeu Sherlock Holmes, levando por sua vez a chavena aos labios.

—Mas... tens razão, Harry, disse em seguida, fazendo uma careta, esta bebida não se pode tragar. Desconfio que lhe misturaram qualquer coisa.

Levantou-se e olhou pelas janellas, mas em baixo não viu ninguém.

Deitou fora o contheudo das duas chavenas, sentou-se e disse:

Se deitarem algum narcotico no café para nos adormecerem, devem estar convencidos que o bebemos e que succumbimos ao seu effeito. Por algum tempo não virão a esta casa, e é preciso que saiamos sem que ninguém nos veja.

Pouco mais era das oito horas e tres quartos quando o abbade Fabre saiu do hotel sito na Praça Municipal da Torre do Grego, e encostado a uma grossa bengala, tomou o caminho de Sartomiglia. Miríadas de estrellas brilhavam n'um céu limpido, e a um calor suffocante succedera uma branda e fresca viração que vinha das bandas do golpo de Naples.

O solitario transeunte estava já no caminho do Valle e prestava ouvido attento ao mais pequeno ruido que, no silencio da noite, se pudesse produzir.

De espaço a espaço parava para melhor escutar; mas apenas ouvia o fraco ruido da folhagem das arvores impellida pela branda bragem.

Todavia não estava tranquillo, e subitamente parou de novo.

—Não ha duvida, disse, alguém me segue, e tenho a certeza que são duas pessoas.

Preparou-se contra qualquer aggressão. Andando sempre tirou de sob a latina o revolver segurando-o com a mão direita e anin-do e á capa de maneira que não fosse visto.

—Quem poderá ser? Harry, que apesar das minhas ordens me tinha seguido temendo alguma cilada? Não é provavel, porque parecem passos de duas pessoas. Algum casal amoroso retardado? Tambem não, porque lá em baixo tinham a Torre do Grego.

Parou de novo e ouviu o ruido dos passos mais proximo.

Sherlock Holmes pesquisou com a vista todos os pontos que podia abrange.

O céu nublara-se de repente annunciando proxima tempestade. Profunda escuridão envolvia o campo, e difficilmente se distinguia as arvores que orlavam o caminho.

Subitamente lembrou-se que seria o cego Spuli, que vinha á entrevista combinada.

—Spuli, chamou com voz abafada, e alguém lhe respondeu no mesmo tom:

—Sou eu, o velho Spuli; mas o amigo do sr. Hogarth veio antes da hora combinada.

Era com effeito, a voz tremula do velho, que o criminalista reconheceu tambem por ouvir ronar o fiel cão que o guiava.

Mais tranquillo occultou o revolver na algibeira.

—Seguim-me, então? Mas pareciam-me passos de duas pessoas; é verdade que não me lembrei que vinha acompanhado do seu cão. Mas tratemos do que mais importa.

Spuli socorreu o cão que continuava rosnando e collocando a mão sobre o braço de Sherlock Holmes cujo passo acompanhava, começou as suas confidencias de que o grande criminalista não perdia uma unica palavra:

—O meu Giovanni esteve da licença em minha casa para me tratar na minha ultima doença, porque eu não podia andar.

—Na segunda feira de Paschoas foi á Torre do Grego acompanhado pelo cão. Tinha-me antes applicado umas cataplasmas e eu conservei-me na cama dispondo-me a dormir um pouco.

—Eram talvez umas quatro horas quando a porta se abriu e alguém entrou no quarto. Julguei que era Giovanni pela maneira como estugava o passo para não me acordar. Ouvi distinctamente o reem-chegado approximar-se da arca onde estava guardado o uniforme, abriu-a sem fazer ruido e sair como havia entrado.

—Esperei alguns minutos, levantei-me, dirigi-me para a arca pelo tacto e abrindo-a verifiquei que o uniforme não estava dentro.

—Sorrime pensando que meu filho teria vindo buscar o uniforme para se apresentar fardado na praça do Mercado, e fui de novo deitar-me adormecendo em seguida.

—Quando acordei, já era tarde, talvez mais noite, e da cozinha ouvia a respiração regular de meu filho que dormia. Aos pés da minha cama estava o meu fiel cão.

—No dia seguinte nada quiz dizer a meu filho para o não magoar na sua vaidade, pois me sentia fe-

lis em o ter por alguns dias na minha companhia. A licença estava a findar.

«Na ante-vespera da sua partida disse-me que desejava passar a última noite na Torre do Grego. Laura Tambutti tinha-o convidado para uma pequena festa na qual tomavam parte seus dois irmãos Alexandre e Pedro, empregados na grande fabrica do ar. Hogarth.

«Ela continuava doente e não podia sair de casa. A proxima partida de meu filho entristecia-me, todo o dia estive apenas acompanhado pelo meu cão, que só me deixou quando á tardinha saia com meu filho para tomar algum ar.

«Estava de novo só na cabana e pouco satisfeito por Giovanni ter ido passar a noite a casa da hospedeira na companhia dos dois irmãos d'ella, sujeitos de pessima reputação, constando que a de Laura não é também das melhores.

«Acabara de ouvir o signal da sineta para fechar a fabrica, quando momentos depois ouvi alguém entrar no quarto, e uma voz minha conhecida dizer:

—Ella dorme.

—Ainda que estivesse acordado não nos podia reconhecer.

«Isto dizia uma segunda vez que eu também já tinha ouvido, e que proseguiu em voz baixa:

—Se elle soubesse quem nós somos extranguelava-o e não tornava a acordar.

«Piquei a tremer. Suspeitei o mais que pude a respiração, para que ella me não denunciasse. Notei que a voz que pronunciava estas palavras era brutal e rouca. Convinco-me que, se soubesse quem eu estava acordado, teriam executado aquella terrivel ameaça.

«Que poderia eu fazer, tremulo e alquebrado pela idade e pela doença, na profunda escuridão da minha cegueira, contra essas homens fortes, que não recusam ante um assassínio? Então, aquelle que primeiro fallára, acrescentou:

—Melhor é assim. Apressemos-nos.

«Em seguida dirigiram-se para a area que abriam, tornando a fechar-se em mais pequeno ruido. Feito isto tornaram a sair os dois no mais profundo silencio.

N'esta altura da narração tinham chegado os dois á cruz que se encontrava á borda do caminho. Sentaram-se no tronco de uma arvore que alli havia.

Sherlock Holmes sentia-se fatigado. Combateu energicamente este extraordinario cansaço, mas a muito custo ponde seguir as palavras do velho que lhe soavam aos ouvidos muito indistinctamente.

Após um curto intervalo o velho prosseguiu:

«Depois dos dois homens saírem, levantei-me e approximei-me da area que abri. O uniforme de meu filho estava lá mas em grande desordem, não sendo

assim que meu filho costumava guardá-lo. Apalpei-o e notei que estava todo amarratado, e quando peguei no doorman, notei a falta de um botão.

—Digam-me o nome d'esses dois homens, cuja voz julgou reconhecer, disse Sherlock Holmes com voz tremula.

Mas n'este momento os olhos fecharam-se-lhe, e só então o celebre criminalista comprehendeu a causa d'aquelle desfalecimento.

Lembrou-se que ainda tinha bebido alguns goles do café que a hospedeira lhe dera antes de ter depejado para a rua o conteúdo das duas chavens, e do mau gosto que o café tinha, o que também fôra notado por Harry Taxon.

Era já tarde de mais, Tinha de encobrir ao effeito do narcotico que lhe tinham ministrado.

Sem poder evital e escurteou pelo tronco e caiu para o chão onde ficou adormecendo.

Spuli, que de nada se tinha apercebido, ficou pensando na pergunta que Sherlock Holmes lhe dirigira:

—Sim, eu conheço-os, disse.

N'esto momento, o cão deu um salto ladrado furiosamente.

—Está quieto, Becco, disse o velho.

Mas o cão saltando-se das mãos do dono saltou para cima do tronco.

—Somos vigiados, exclamou Spuli em voz muito baixa.

Então uns labios se approximaram do ouvido do velho perguntando em voz baixa:

—Os nomes? depressa.

—Chegue o ouvido senhor, junto da minha bocca, respondeu Spuli.

Então um homem se ergueu em frente do cego, e fazendo o que elle lhe dizia, ouviu o pronunciar dois nomes com voz tremula.

Subitamente uma exclamação de ira sou a ouvido do cego.

Doas vigorosas mãos lhe cercam o pescoço. Arrojam no chão o pobre velho que grita afflictivamente, doitam-lhe uma corda ao pescoço levantando-o em seguida do solo.

CAPITULO VI

A ambição de Laura

A proprietaria da hospedeira da Torre do Grego, Laura Tambutti, irmã dos dois patifes, Alexandre e Pedro, operarios da fabrica de vidros, era uma mulher na força da vida, nada feia, e possuindo a vivacidade

das mulheres napolitanas. O olhar vivo e penetrante, revelava n'ella sentenças fortes e energicas.

Eucólicas, porém, com a maior hypocricia, illudindo toda a gente.

Dois sentimentos impetuosos dominavam aquella mulher: a sede do ouro, e a satisfação da grande paixão que sentia por um rapaz da Torre do Grego, com quem mantinha relações occultas de toda a gente.

Receptadora dos roubos praticados pelos irmãos, as mais das vezes pertencia-lhe a parte de leão, e os irmãos não diziam, porque bem sabiam que ella, n'um momento de ira, era capaz de os denunciar. Entre os tres não havia o mais fugitivo sentimento do amor fraterno. Estavam, porém, ligados pelo crime, e não se atreviam a romper a sociedade.

Mas Laura esperava o momento opportuno para ser rica, e ir viver em um ponto ignorado com o homem que soubesse conquistar-lhe o coração, e a dominava.

Este era um rapaz de vinte e dois para vinte e tres annos, de rosto sympathico e energico, fronte larga e intelligente, mas cujo olhar falso e cruel era velado por negras e fartas sobrancelhas.

Este rapaz, intelligente e corajoso, era temido no sitio, e mais de um crime lhe tinha sido attribuido; mas sabia rolar-se de tantas proceções, o seu olhar de agua era tão intuitivo, que as proprias autoridades esperavam occasião propicia para lhe lançarem a mão.

Não frequentava as espeluncas e, se alguma vez lá entrava, era para trocar breves palavras com algum patife de má reputação.

Não tinha domicilio, nem vivia com os paes que gozavam de uma certa abastança, gente honesta e séria, a quem o mau proceder do filho causava grande pesar.

Todavia, dizia-se que na montanha tinha elle um refugio de todos ignorado, e ponto de reunião para a sua quadrilha, que ninguém conhecia pessoalmente. De vez em quando um grande roubo era praticado. As victimas eram encontradas amarradas e amordaçadas, e nos seus vestidos um papel pregado com um alfinete, onde se viam estas palavras «Silencio ou morte».

As suas mãos não se manchavam de sangue, mas o seu nome infundia terror.

Quem o visse, porém, correctamente vestido, com uma certa distincção natural, não diria que estava ali o temido chefe de uma quadrilha de bandidos, a quem não podia provar os crimes que lhe attribuíam.

Apenas um crime praticado em pleno dia, mas esse em circumstancias taes, que se tornou ainda mais temido, fez voltar para elle a benevolencia da opinião publica.

Fôra Laura Tambutti a causa, talvez, involuntaria. Bepo, assim se chamava o rapaz, soubra conquis-

tar o coração da estalajadeira, bella e formosa mulher, que se lhe entregou de corpo e alma.

Mas, sempre prudente, Bepo não fazia ostentação da sua conquista.

Só álas horas da noite visitava a amante, saindo de casa d'ella muito antes d'amanhecer.

Mas não ha segredo, por mais bem guardado que seja, que não se descubra um dia ou outro.

Havia na Torre do Grego um mancebo que bebia os ares pela estalajadeira, mas cuja paixão ella não animava.

Ora, succedeu que uma noite, no silencio das ruas isoladas e escuras, esse rapaz viu entrar Bepo na estalagem. O coração pulso-lhe de raiva e ciúmes, e jurou tirar vingança. Nesse mesmo dia contou a quem o quiz ouvir que Laura Tambutti, que, até então passava por uma mulher honesta, tinha um amante, e que esse amante era Bepo.

A noticia correu de bocca em bocca e chegou aos ouvidos de Bepo.

Um dia, os dois rivais encontraram-se n'uma taberna e Bepo dirigiu-se ao outro nos seguintes termos:

—Podes affirmar que eu entrei em casa de Laura Tambutti, e que sou seu amante?

O outro lançou-lhe um olhar de odio concentrado e respondeu:

—Isso é uma provocação?

—É uma pergunta, respondeu Bepo.

—Pois, de uma maneira ou de outra, respondo, porque não te temo.

«Vi-te entrar em casa de Laura ás tres horas da noite, e apesar do teu disfarce, reconheci-te. E sentes-te que da sua amante.

E ao dizer isto atirou-lhe com o punhal que se cravou no braco esquerdo do rival quando, presentindo a traição, cobria o peito com elle.

Uma espuma sanguinolenta lhe franjeou os cantos da bocca, os olhos desampolhados relampagou, e arrancando o punhal da ferida, ululou:

—Lavrate a tua sentença de morte. Ninguém me affronta, sem que essa affronta seja lavada com sangue. Mas como não quero que digam que matei um inimigo desarmado, bater-nos-hemos em duello de morte.

E voltando-se para os circumstantes:

—Façam roda, e sirvam de testemunhas.

E atirou o punhal aos pés do adversario.

O outro apagou-o. Quatro olhos se cruzaram ferindo-lhe uma quilha de bandidos a quem as punhas fenderam o espaço, um corpo baqueou.

Bepo estava de pé, alto e sereno.

Este acto de coragem e audacia causou a mais profunda impressão em Torre do Grego, a uma area de terror rudeo e handido d'ahi para o futuro.

Tal era o homem, por quem Laura Tambutti se apaixonara loucamente.

sem vinho generoso. Beberam um copo e olhou para o estrado que servia de palco.

Aborrecia-se.

La deitar segundo copo de vinho quando casualmente olhou para o punho da canisa e exclamou:—
—O que é isto? disse. A mancha de café apresenta um círculo esverdeado!

«Na meia obscuridade do quarto não pude ver esta particularidade. Mas aqui vejo distinctamente uma outra mancha verde que se destaca na alvura do punho. É extraordinário isto! Mas agora me recordei do cansaço que senti esta tarde quando recolhi ao quarto e contra o qual me custou a reagir. Certamente dei-taram alguma mistura no café, sem o que esta fadiga não tinha explicação.

Examinou de novo a mancha com todo o cuidado. Pareceu-lhe ser produzida pela acção do opio, mas nada podia afirmar sem previa analyse.

Depois proseguir:

—Mas Sherlock Holmes bebeu mais café do que eu! Certamente a acção do narcótico foi mais energica sobre elle. E foi a uma entrevista para Sartomiglia...

Lembrava-se do que o mestre lhe tinha dito. O cruzeiro era o ponto de encontro.

Talvez tivessem armado alguma cilada ao seu grande amigo, talvez o quizessem matar!

Fervia-lhe o sangue nas veias. Na sua excitação viu tudo off de sangue.

Vio o querido mestre, por quem daria a vida, estendendo por terra, n'um lago de sangue.

Pensou na prohibição que este lhe fizera de o seguir, mas não pôde resistir aos presentimentos que o assaltavam.

Nada no mundo podia impedi-lo de ir salvar seu mestre de uma morte certa.

Metteu a mão na algreja para se assegurar que o revolver estava no seu logar.

Depois tirou quatro liras para pagar a despesa e chamou o criado que estava perto. Levantou-se precipitadamente chamando a attenção dos assistentes que o olhavam admirados, saltando algumas gargalhadas.

Harry não lhes ligou importancia, tinha um vultoso no cerebro.

A resolução que tomára e o receio de não chegar a tempo cegavam-no.

Percorrendo um labyrintho de ruas e travessas chegou finalmente à Torre do Grego. Eram oito horas e meia. Na sua frente tinha Wispathi, e d'alli seguiu para Sartomiglia.

Quasi sem respirar subiu o caminho que conduzia a Wispathi.

Lembrou-se da conversa que seu mestre tinha tido com Hogarth e pr-purou-se procurar o director da

fabrica para reclamar lhe o seu auxilio. Este era um velho amigo de Sherlock Holmes, além d'isso era ingles, podia ter confiança n'elle, e carecia de auxilio porque não conhecia a força do inimigo.

Continuou a caminhar com mais pressa ainda.

O caminho para diante de Wispathi era aspero e sinuoso, e Harry teve de atravessar jardins, saltar barreiras sempre absorvido nos seus cruéis presentimentos.

A batina ficou lhe presa n'um espinheiro, com um puncho rasgou-a e ficou com os movimentos mais livres, também tinha arranhaduras na cara e nas mãos. Nada d'isso o preocupava. O seu mais ardente desejo era caminhar para a frente a fim de salvar o mestre.

Quando chegou a Wispathi a lua rompeu por entre as nuvens illuminando com a sua luz praticada a fechada da fabrica.

Pelo luxo do edificio reconheceu logo a habitação do director.

Bateu á porta.

Depois de alguns momentos que lhe pareceram eternidades, esta foi aberta por uma rapariga italiana a quem se dirigiu sem mais preambulos:

—Preciso falar immediatamente ao director Hogarth.

—O senhor não lhe pode agora falar respondeu a rapariga.

Mas Harry tinha visto luz em um quarto situado ao fundo do corredor, não se importou mais com a rapariga e gritou com voz forte eminglez:

—Scaror Hogarth, venha depressa, o seu amigo Sherlock Holmes corre perigo.

De repente abriu-se uma porta ao fundo do corredor e Hogarth appareceu no limiar.

Harry dirigiu-se-lhe. Em poucas palavras contou-lhe os seus presentimentos.

Hogarth, que não estava já muito tranquillo, lançou um olhar para a mancha que Harry lhe indicava.

—Não ha duvida, isto é opio. Espere um momento, meu amigo.

Abriu uma pequena pharmacia que tinha em um armario, e tirou de lá um frasco com um liquido branco.

—Que é isto? perguntou Harry.

—E' colla liquida, respondeu Hogarth. Talvez seja precisa para combater o narcotico.

Abriu uma secretária d'onde tirou um revolver, e dirigindo-se para a porta:

—Vamos, disse.

Caminhavam na maior anciedade. A lua estava completamente descoberta. Na torre do relógio da Torre do Grego soaram as nove horas e os dois ca-

minhavam a passos largos na direcção de Sartomiglia.

Hogarth parou um momento na cabana do velho Spuli.

—Dezajo levar commigo o cão, disse, pois é valente, e todos aqui o temem.

Bateu á porta. Ninguém respondeu, e a porta abriu-se a um leve empurrão. Entrou, não viu ninguém. Saiu sem perda de tempo.

—O velho não está, disse. Tenho um presentimento que estará com Sherlock Holmes, pois que elle me tinha dito que deixava a falar com o cego.

Continuaram caminhando.

A certos intervallos Harry soltava um assobio modulado de um modo particular, e que era o signal de reconhecimento entre elle e seu mestre. Mas não obtinha resposta.

Continuaram a percorrer aquelle caminho deserto, até que á claridade da lua descobriram o caminho do crazeiro.

—Devia ser aqui a entrevista, disse Harry, e repeti o mesmo signal.

Mas ainda desta vez não obteve resposta.

Aproximaram-se do cruzeiro e começaram a procurar no chão.

De repente Harry soltou um grito. Tinha descoberto o corpo de um homem que estava immovel ao lado de um trocço.

Abaixou-se para lhe examinar a cara.

—E' Sherlock Holmes, disse Harry para Hogarth.

Já o tinha reconhecido, respondeu este, que, abaixando-se lhe tomava o pulso e tateava o coração.

«Está vivo, proseguir, agora vamos ver se tem alguma ferida.

Harry soltou um suspiro de alivio.

—O mestre está vivo. Isto é o principal, disse no cumulo da alegria.

Depois abaixando-se tambem verificou que não estava ferido e que Sherlock Holmes tinha o revolver no bolso. Em seguida disse:

—Fasta apens narcotizado.

—Depressa o acordaremos, replicou Hogarth, abandonando Holmes para ver se assim o despertava.

O criminalista, que parecia estar profundamente adormecido, abriu por um momento os olhos, mas recaiu na mesma somnolencia.

Entretanto já Hogarth lhe tinha aberto a bocca fazendo o ingerir o liquido que o frasco continha.

O medicamento produziu effeito rapido. A rigidez dos membros em breve desapareceu e o policia despertou, abriu os olhos e reconheceu Harry e o director da fabrica.

As primeiras palavras que proferiu, foram:

—Onde está Spuli?

Bepia, dirigindo-se aos amigos:

—Ajudem-me a levantar. Sinto ainda nas pernas o effeito do narcotico.

Levantaram-no. Sherlock Holmes sentia-se ainda bastante fraco, mas reagindo com toda a sua energia, contra essa fraqueza, disse:

—Prostar-me um grande serviço. Se não fossem os senhores, ficaria dormindo aqui, pelo menos, vinte e quatro horas. Agora pensemos em Spuli. Estamos na pista dos criminosos.

—Spuli não está em casa, replicou Hogarth. Estivemos agora mesmo na cabana.

—Não está em casa? Então mataram-no!

—Quem? Quem assassinou Spuli? perguntou Hogarth anciosamente.

—Não lhes sei os nomes, mas são com certeza os mesmos que eu procuro. Vamos em sua perseguição.

«Hogarth, e tu Harry, vão por esse lado, e eu seguirei por este.

E os tres amigos desapareceram no bosque.

—Spuli! Becco! chamavam elles na solidão da noite, mas não obtiveram resposta ao seu apello.

Holmes afastara-se uns cem passos dos companheiros. De repente ouviu a voz angustiada de Harry.

—Sr. Holmes, corra, venha depressa!

O genial criminalista correu na direcção da voz, e encontrou os companheiros que o esperavam n'uma clareira.

A lua estendia sobre o local a sua claridade prateada, permitindo descobrir um quadro horroroso.

Dos ramos mais fortes de um pinheiro pendiam dois vultos. Eram Spuli e Becco.

Sherlock Holmes foi o primeiro a approximar-se dos enforcados e cortou immediatamente a corda que estava enrolada ao pescoço do pobre cego.

O corpo do velho ainda estava quente; pegou-lhe e depoi cuidadosamente no solo. Depois fez o mesmo ao cão, mas este já estava frio e com a lingua pendente da bocca. Fora enforcado com a mesma corda com que o animal guava o dono.

Os tres amigos voltaram de novo a examinar o velho.

Um acaso providencial salvára lhe a vida. Quando os assassinos o penduravam da arvore, prendera-se-lhe o casso em um dos ramos, o que impedira que o peso do corpo o estorculasse.

Spuli estava profundamente desmaiado.

Sherlock Holmes avaliou rapidamente a situação, e disse para os amigos que faziam grandes esforços para reanimar o pobre velho:

—Não se cansem, elle despertará por si, deixando-o socegado.

—Deixad o homem então aqui? perguntou Harry. E'

quasi certo que os assassinos voltarão ao local do crime.

—Não creias isso, Harry, elles não voltarão ao cruzeiro, os antes, ao local do crime, respondeu Sherlock Holmes sorrindo. Os assassinos foram bastante satisfeitos se não ficassem aqui, porque assim teriam tempo de passar as montanhas sem receio de serem perseguidos. Vamos transportar o velho para a sua cabana, e, quando recuperar os sentidos dir-nos ha os nomes d'aquelles que tão mal o trataram.

Depois examinou o cão e notou que o animal tinha lutado com os bandidos. De entre os dentes pendia-lhe um pedaço de pano arrancado, sem dúvida, do fato de um dos assassinos. Tirou o com todo o cuidado e guardou-o na sua carteira. Para muitos este pequeno farrapo não teria valor, para Sherlock Holmes, porém, tinha grande importancia, pois era mais um elemento com que contava para encontrar os criminosos.

Acedeu a sua lampada electrica e começou a examinar o lugar do crime. A roda dos pinheiros distinguia nitidamente sigmas de passos. O solo, arenoso n'esse sitio, reproduzia exactamente os passos dos dois homens, e, ao inclinar a lanterna para o foinho do cão reparou que tinha manchas de sangue, certamente de um dos criminosos a quem o animal mordera.

Sherlock Holmes firoz o bocado de pano da algeibra e examinou-o attentamente. Era azul, bastante grosso e conhecia-se perfeitamente que tinha sido rasgado. Como estava bastante pouco concluiu Holmes que pertenceria ás calças e que seria no joelho que o cão fêrria os dentes, arrancando-o.

Sherlock Holmes dirigiu-se a Hogarth perguntando-lhe:

—Conheces esta fazenda? e mostrou-lhe o pedaço de pano, allumando o com a sua lanterna.

O director da fabrica examinou-o deitadamente.

—Sim, conheço, respondeu o interpelado, é um bocado da fazenda que mandamos vir de Manchester para o fato dos nossos operarios.

Quantos operarios tens na fabrica?

—Duzentos e cincoenta, pouco mais ou menos, respondeu Hogarth, que estranhou a pergunta.

—A que horas começa o trabalho?

—A's seis da manhã.

Muito bem, replicou Sherlock Holmes, levamos o velho para a sua cabana e Harry ficará de guarda a elle, ou então levamolo para tua casa, pois que para lá nós dirigimos. Espero que o pobre cego ainda esta noite recuperará os sentidos, e em sendo seis horas o um quarto dar-me-has os nomes dos operarios que faltaram ao trabalho.

Sem esperar resposta, levantou Holmes o corpo do velho pedindo a Hogarth que o seguisse pelas

pernas, enquanto Harry pegava no cadaver do cão. E assim seguiram os tres caminho da casa de Hogarth.

Eram onze horas da noite quando chegaram á fabrica.

Ao longe avistava-se a luz do pharol da Torre do Grego, e a luz penetrava pela janella do quarto, onde todos entraram depondo o corpo do velho n'uma chaise-longue.

CAPITULO VII

A descoberta

Com uma desesperadora lentidão avançava o ponteiro das horas de um relógio de algeibra que Hogarth tinha n'uma mesa ao lado da 'chaise-longue'. Tinha sido ballados todos os meios empregados para chamar á vida o pobre velho. Bannaram-lhe a cara com agua de colonia, introduziram-lhe vinho generoso na bocca, mas nada d'isto deu resultado. Outros meios energicos foram ainda empregados, mas nada conseguia reanimar o velho. Por fim, resolveram esperar que a natureza operasse por si mesma.

Aproximavam-se as seis horas da manhã, e a claridade da madrugada, entrando pela janella, illuminava o quarto.

Sherlock Holmes que estava vestido com os habitos sacerdotaes, retirou-se do vão da janella com receio de ser visto do paeo da fabrica.

O apito d'era já o signal para começar o trabalho.

A grande porta que estava em frente da janella, e que era a entrada principal da fabrica, abria-se de par em par para deixar entrar a onda dos operarios que fôra esperavam.

Sherlock Holmes, do lugar em que se collocára, podia observar os operarios á proporção que iam entrando.

Nenhum d'elles, porém, lhe parecia suspeito.

O pobre velho, antes do attentado, ia revelar-lhe o nome dos patifes mas elle não o pudera ouvir, porque n'esse momento succumbira por effeito do narcotico e agora teria de esperar horas, e talvez dias que aquella bocca pudesse articular uma palavra.

E o grande criminalista desesperava-se.

Os operarios estavam já divididos em grupos para irem para as respectivas officinas, e poucos estavam ainda no paeo.

Holmes, sem sair do seu lugar acenou a Hogarth para que se lhe approximasse.

Este assim o fez, e

—Quem é aquelle tapax moreno que está subido n'aquella escada?

O director olhou pela janella.

Contra a parede de um barracão estava encostada uma escada assente sobre um montão de vidros partidos.

Um rapagão alto e reforçado, de cabellos pretos e farto bigode segurava-a com as duas mãos, enquanto um outro operario mais novo subia os degraus.

E' Tambuti, um dos meus contra-mestres, respondeu Hogarth.

Holmes soltou uma exclamação do surpresa e na phisionomia reflectia-se lhe uma viva alegria.

O grande criminalista não tirava os olhos da escada e observava todos os movimentos dos dois homens ao mesmo tempo que conversava com o seu amigo.

De repente ouviu-se lá fora grande gritaria.

O operario que estava na escada escoregou e caiu sobre os vidros.

O contra-mestre procurou levantar o operario, e de todos os lados da fabrica correm para o lugar do sinistro.

A vida de Holmes se concentrava no olhar.

Tinha visto cair o operario e não lhe passara despercebido o susto que elle manifestara na queda.

Tudo isto deu a Holmes a ideia de uma verdadeira comedia, e devia confessar que fôra bem desempenhada, pois qualquer pessoa que tivesse presenciado a queda, tello-ha tomado muito a serio. O contra-mestre tambem não tomou a queda a serio, segundo a opinião do criminalista, que já d'elle desconfiava logo que elle transpoz o portão da fabrica.

Hogarth, que tudo tinha visto, saiu immediatamente do quarto, sem que Holmes pensasse d'elle. Este continuava no seu posto, observando o que se passava, e vendo como o operario era conduzido pelo contra-mestre e um outro companheiro que saiam a porta da fabrica.

Pouco depois, voltou o director.

—O que foi então que succedeu? perguntou Holmes, como se nada tivesse percebido.

—Foi o irmão do meu contra-mestre que feriu o joelho nos bocos de vidro ao cair, e eu mandei conduzi-lo para casa.

—Tens algum medico na fabrica? perguntou o policia.

—Sim, respondeu Hogarth contrariado, mas, infelizmente, está de licença por alguns dias em Shappler, e não sei quem hei de mandar a casa do joven Tambuti. Ao velho charlatão da Torre do Grego não confiará em o meu gato.

Sherlock Holmes pareceu reflectir um momento.

—Tens que me emprestar um dos teus fatos, dis-

se elle a Hogarth. Vou disfarçar-me de medico para ir a casa de Tambuti a dar-lhe o meu conselho.

O director olhando para Holmes, surpreso, interrogou:

—Tens alguma suspeita?

—Tenho, mas, por enquanto, reservo-a para mim. Preciso adquirir a certeza. Consinto que me contem a cabeça, se não estou na verdadeira pista.

O contra-mestre voltou de novo á fabrica, e dirigiu-se ao escriptorio da direcção.

—O homem quer fallar-te, disse Holmes em voz baixa para Hogarth. Recebe-o lá fora de maneira que não percocha que eu estou aqui. Entretanto, ou ves tir-me. Onde tens o fato?

—No meu quarto de dormir, disse o director, indicando uma pequena porta, e saiu.

Harry, que até então tinha estado á cabeceira do velho, e prestara a maior attenção a toda a conversa, aproximou-se do mestre entregando-lhe umas barbas postigas que tirara da algeibra interior do coasco:

—Talvez lhe sejam precisas, disse o moço, sorrindo-se.

—Obrigado, meu rapaz. Veem muito a proposito. Entrou no quarto de Hogarth, e procedeu, durante um quarto de hora á sua completa transformação.

Quando entrou de novo no gabinete onde estava o director, este olhou-o com a maior admiração.

—Que querias o contra-mestre? perguntou Holmes.

—Disse-me que o que o irmãozinho não era de gravidade, e que não era preciso incomodá-lo em mandar lá um medico.

—E que respondeste a isso?

—Preparei a tua visita, e disse-lhe que um meu amigo, medico em Naples, que está em minha casa desde hontem, iria visitá-lo amanhã.

—E esta noticia não lhe agradou? perguntou o criminalista.

—Estou convencido que o contrariou bastante, respondeu Hogarth, e creio que a visita de um medico será muito desagradavel aos dois irmãos.

—Em todo o caso, respondeu Holmes, agradece-te teres me preparado o caminho, e vou já fazer a minha visita medica. Queres acompanhar-me? Harry ficará junto de Spili.

—Acompanha-me, mas parece-me mais prudente não passarmos pelo paeo.

—Tambem sou d'essa opinião, e desejo fazer a minha observação medica, antes que o contra-mestre volte a casa.

E sublinhou ironicamente as palavras observação medica.

Esta ironia não passou despercebida ao director da fabrica, que conhecia bem as qualidades moraes dos irmãos Tambuti.

Desceram a escada de serviço e saíram por uma porta que deixava para o caminho da aldeia.

A esta hora matinal a aldeia parecia, pelo silencio em que estava mergulhada, completamente desabitada. Apenas se ouvia o barulho monótono da laboração da fabrica, e de tempos a tempos o apito da serena de algum vapor que entrava no porto da Torre do Grego. A neblina que vinha do mar não interrompia os raios do sol nascente. A paisagem era triste e monótona.

O director, Hogarth e o pseudo medico em breve chegaram a casa de Tambutti.

Bataram á porta, e momentos depois appareceu-lhes uma mulher alta e refregada, que o policia immediatamente reconheceu ser a proprietaria do hotel onde estivera hospedado com Harry na Torre do Grego.

Hogarth tambem ficou admirado de a ver ali, e ella não esperando que lhe dirigissem a palavra, começou a dizer que seu irmão Alexandre a havia mandado prevenir que seu irmão Pedro se tinha ferido, e que, por esse facto se dirigira ali para o tratar.

Tanto melhor, replicou Hogarth, seguirá, como enfermeira, as instrucções que lhe der o meu amigo dr. Luigi, medico em Napoles, que se encontra de visita em minha casa, e que vae examinar se a ferida offerece gravidade.

— Não é preciso, doutor, respondeu Laura, em já vi, o que era. E' uma simples arranhadura sem importancia, e o senhor não precisa incommodar-se, pois meu irmão já amanhá vae trabalhar.

— Mas visto que me encontro aqui... disse o dr. Luigi passando por diante da hospedeira e entrando. Hogarth seguiu-o e atraz a hospedeira, entrando os tres no quarto do doente.

Pedro, deitado na cama, olhava para a porta, e, com ar algum tanto comprometido, mandou entrar.

Em segunda disse:

— Não se incomode, senhor doutor; a ferida não tem importancia e amanhá já vou trabalhar.

— Mas deixa-me ver isso, meu rapaz, disse o fingido medico, puxando-lhe pela roupa da cama.

Mas o doente segurava-a com ambas as mãos.

— Não, Pedro, deixa a que o doutor te examine, disse o director da fabrica, porque, ainda que a gravidade da ferida seja pequena, a companhia de segurado vae pagar-te a pensão.

— Mas eu nada quero, respondeu o doente.

Entretanto Sherlock Holmes com um gesto brusco puxou a roupa para baixo e viu a ferida ensanguentada e o joelho inchado.

O doente, peraltando a teimosia do medico, descobriu mais o joelho e seguiu lhe attentamente todos os movimentos.

Poucos momentos bastaram ao grande criminalista para descobrir a causa da ferida. Esta não provinha

da queda sobre os vidros, mas de uma mordedura. Um cão tinha cravado os dentes no joelho esquerdo d'aquelle homem, e os sinais estavam ainda bem visiveis. Procurou, todavia, illudir o policia, para o bom seguimento da sua empreza.

Sherlock encontrou facilmente um pretexto.

— Esta ferida não tem tão pouca importancia como julgas, meu rapaz. E se não fôr tratada immediatamente, receio bem que a perna tenha de ser amputada.

Estas palavras e a expressão phisionomica do supposto doutor impressionaram vivamente o policia.

Tomado de subito medo, que se lhe reflectia nos olhos desmedidamente abertos, exclamou:

— Pelo amor de Deus, doutor, falia sério?

— Muito serio, meu rapaz, parece tratar-se de um envenenamento de sangue. Com os pedacos de vidro entraram na ferida alguns dias da fazenda das calças. Preciso velas para examinar se o envenenamento foi produzido pela tinta do tecido, ou se entrou algum pó na ferida.

Este dialogo produziu tambem profunda impressão em Laura. Empallideceu pensando que poderiam cortar a perna ao irmão, e extremamente perturbada pegou em umas calças que estavam aos pés da cama.

Sherlock Holmes, lançou-lhe um rapido olhar.

— Não são estas, disse, e curvando-se pegou n'outras de panno azul que ali estavam.

Levantou-se, e reconheceu que eram as que procurava. Difficilmente encobria a sua alegria, pois tinha nas mãos a prova do crime.

Já não tinha duvidas. No joelho direito viam-se manchas de sangue, e um pouco abaixo da ferida faltava um pedaco de panno. A evidencia impunha-se. Não era possível duvidar da culpabilidade dos dois irmãos que não deixavam de olhar para o medico.

Este deixou de olhar para as calças para observar novamente a ferida do joelho de Pedro Tambutti.

Hogarth tinha seguido attentamente o exame e, vendo o rasgo, não lhe restou duvida alguma. Custava-lhe a conter a commoção.

Mas como o seu amigo nada dizia, elle ficou silencioso.

Holmes pôz as calças d'onde as tinha tirado e quando se dirigia novamente ao ferido, a porta abriu-se e entrou Alexandre Tambutti.

— Senhor director, ou tinha pedido que não mandasse nenhum medico visitar meu irmão, disse com modos bruscos.

— Que manieiras são essas de se dirigir ao seu superior? perguntou Hogarth.

— Estou em minha casa, e aqui sou eu o senhor, respondeu o contra mestre em tom feroz.

Mas Sherlock Holmes quiz evitar um conflicto

n'aquelle momento. Dirigiu-se ao contra mestre, e com a voz propria de um velho, disse:

— Meu rapaz, se seu irmão se não tratar já, em alguns dias terá de lhe ser cortada a perna, e julgo que isso não lhe agradará.

Alexandre ficou surprehendido e balbuciou:

— Então a ferida é de tanta gravidade?

— Por enquanto não affirmo, respondeu o suposto medico. Vou agora applicar-lhe um penso, e deve ficar de cama alguns dias, para que a ferida se não agrave, o que é perigoso n'este sitio, e sobrevenha a complicação que receio. Feito isto não tornará a voltar, porque não quero tratar doentes que recebem o medico com tão pouca delicadeza.

— Agora, alguém que vá buscar desinfectantes á pharmacia.

Alexandre, que estava admirado, saiu para ir á pharmacia.

Entretanto, o medico tirou do bolso do casaco algumas compressas, e começou de novo a ligar o joelho do ferido.

— O que mais lhe convém agora é estar deitado, disse Holmes para o ferido, depois de postas as ligaduras devem deitar-lhe por cima o desinfectante, até chegar á ferida. E fazendo a mesma coisa tres vezes por dia, espero que diminuirá a infecção.

Aterroscado, o doente reclinou-se sobre o travesseiro, e levantou a perna, pondo a descoberto a ferida que o medico tratava.

Pedro Tambutti pensando sómente no perigo da sua ferida, não percebia que o fingido medico o prendia á cama em vez de o ligar.

Levantou a roupa de maseira que o doente o não pudesse ver quando lhe fazia o tratamento.

Tambem pediu a Laura que se guardasse bem a cabeça do irmão e lhe olhasse só para a cara para ver se elle desmaiava.

Depois atou com força a ligadura até á cintura e prendeu-a a um dos pés do leito para que o doente permanecesse quieto e sempre na mesma posição.

Logo que acabou, cobriu-o de novo, sem que elle percebesse a maneira como estava ligado.

— Agora tem de ficar muito quieto, disse. Mas onde está seu irmão que foi buscar o desinfectante?

Dirigiu-se então para a janella como se quizesse ver se o irmão se approximava.

Depois de uma rapida observação, viu que o contra mestre não apparecia. Mettendo então dois dedos na bocca, assobiou fortemente, para que este signal convencional entre elle e o discipulo, chegasse aos ouvidos de Harry. Este assobio chegou aos ouvidos de Laura e do irmão, mas julgaram que era o apito da fabrica.

Passando proximo de Hogarth disse-lhe em voz baixa:

— Boby, prepara o teu revolver e vae para junto da cama.

Passados alguns minutos appareceu Alexandre. Vinha pallido e receoso pelo que podia acontecer ao irmão.

Sherlock Holmes esperava qualquer coisa a cada momento. Alegrou-se ao ouvir na rua um assobio.

Entregou ao contra mestre a garrafa do desinfectante que já tinha desolhado, e disse-lhe:

— Deve deitar esta agua na ferida de seu irmão. Applique já o medicamento para eu ver se o sabe fazer.

O contra mestre approximo-se da cama do doente, assim como sua irmã voltando as costas ao doutor e a Hogarth.

N'este instante ouviu-se outro assobio proximo do quarto.

Sobressaltados, voltaram-se os dois irmãos. Na sua frente estava Sherlock Holmes como um deus da vingança, de revolver em punho. Arrancou subitamente as barbas e gritou em voz trovejante:

— Mãos para o ar!

Ao mesmo tempo abriu-se a porta e entrou Harry Taxon tambem com o seu revolver em punho.

O contra mestre soltou um grito estridente, como o de uma fera subitamente ferida.

Com o olhar fútil e o rosto contraído pela colera tentou lançar-se sobre o criminalista arrancando o punhal que sempre o acompanhava.

— O abbahe! exclamou Laura tentando arremessar uma cadeira contra Holmes. Mas um movimento do seu revolver bastou para a conter a distancia.

— O primeiro que se approximar metto-lhe uma bala na cabeça, disse o grande criminalista. E voltando-se para Pedro, que se esforçava por levantar-se, disse-lhe ironicamente:

— Não te incomodes, meu rapaz, estás bem ligado.

E dirigindo-se para Hogarth e Harry:

— Temos os gatinhos seguros, meus amigos.

Então, o contra mestre, perguntou:

— Que quer isto dizer, senhor director? que comedia é esta a que se associa?

— Eu te digo. Tu e teu irmão atacam, hontem á noite, o velho Spili e enforcaram-no n'uma arvore juntamente com o seu cão, enquanto a tua amavel irmã nos deitou opio no café depois do jantar, respondeu Holmes.

— Agradeçam a Deus termos chegado a tempo de cortar a corda ao pobre ogro, pois provar-se-lhes-hia este assassinio, pelo qual teriam de dar contas á justiça.

— Mas isso não é verdade. Não fizemos nada do que diz, respondeu Alexandre.

— Pois en já te vou provar o contrario. A ferida

da perna foi uma mordedura do pobre Becco, em cujos dentes encontrei o pedaço de fazenda das calças de Pedro. Só isto é bastante para os levar à força; mas perdão-lhes se me responderem lealmente ao que lhes vou perguntar.

—O que é? perguntou Laura muito desanimada. Inocência lhes um enorme terror este terrível desconhecido que umas vezes lhes apparecia vestido de abbad, outras de medico.

—Presstem-me attenção. Vocês roubaram: no Vaticano, do gabinete do Cardeal Aviati, dois milhões de francos em notas do banco e moedas de ouro. Para isso serviram-se do uniforme do guarda Giovanni Spuli, entrando em casa do pae, e tirando-o da sala onde estava guardado. Saltaram os muros do Valle do Inferno para os jardins do Vaticano e assim chegaram ao gabinete do cardeal.

Os bandidos olhavam aterrorizados para Sherlock Holmes.

Como sabia este homem tudo isto? Tinham empregado tantas precauções que estavam seguros de não pudermos ser descobertos.

Possuam-se de tal terror, que não tentavam negar.

—Onde guardaram o dinheiro? perguntou Sherlock Holmes.

Os dois irmãos não responderam.

Apenas Laura, cuja cubica, vencia o medo, respondeu:

—Não roubamos dinheiro algum.

—Bem respondido, minha bella, mas como não quero discutir, dou-lhes cinco minutos para me responderem.

—Se me disserem onde está o dinheiro e m'o entregarem tudo immediatamente, deixo-os em liberdade, ficando o caso só entre nós. Se, pelo contrario, não seguirem o meu conselho, então o meu amigo Hogarth irá chamar a policia e eu provarei ao commissario que vocês tentaram enforçar o velho Spuli. Neste ultimo caso, sabem o que os espera.

E tirou o relógio da algibeira, segurando-o com a mão esquerda.

Sherlock Holmes parecia uma estatua fitando obstinadamente os dois ladres.

O tempo passava no mais absoluto silencio.

De repente o contra-mestre levantou-se e dirigindo-se a Sherlock Holmes, disse:

—O dinheiro está em casa de Laura, na Torre do Grego e está intacto.

O policia pensou durante alguns momentos.

—Para ir à hospedaria e regressar basta meia hora. Portanto, Hogarth, tu vaeas com Laura, e apanhas-te do roubo. Conto o dinheiro, porque não confio nesta gente. Nós vigiaremos os dois até que voltes depois de teres no teu cofre os dois milhões certos.

Laura Tambutti olhava para os dois irmãos esperando que elles lhe dessem uma ordem.

—Vae, resmungou Alexandre.

Laura saiu com passo vagaroso seguida de Hogarth.

Sherlock Holmes e Harry Taxon ficaram com os dois irmãos.

As ligaduras de Pedro alargaram um pouco quando elle tentava levantar-se, mas continuava bem seguro, e por este lado nada havia a recear. Concentraram pois toda a sua attenção para o mais velho, que dispunha de grande força e era capaz de todos os excessos. Alem d'isso tinha sangue e temperamento napolitano, e, irado como estava, tentaria agredir os dois policia.

Sherlock Holmes sabia perfectamente com quem estava tratando, e por isso tomava as maiores precauções.

Não porque temesse a força bruta de Alexandre, pois se este tentasse agredir o meter lhe-hia uma bala na cabeça, mas porque tinha prometido ao cardeal Aviati evitar qualquer scena de sangue.

Para se não dar qualquer conflicto modificou o aspecto apenas Laura saiu com Hogarth, e adojando a voz, dirigiu-se ao brutal Alexandre.

Vocês tiveram sorte, meus rapazes: se sua irmã entregar o dinheiro, sem lhe faltar uma lira, não serão punidos pelo crime que praticaram.

«Do seu mau procedimento apenas resultou um mal: a ferida de Pedro, mas espero que em poucos dias estará curada.»

«Entendem-se, e de futuro sejam homens honrados, pois, se assim não fizerem, talvez não sejam tão felizes como foram agora. N'esta terra não podem ficar, porque certamente o director da fabrica não querera lá conserval-os.»

«Já formaram algum plano para a sua futura vida de regeneração?»

«Como unica resposta, Alexandre resmungou surdamente.»

Sherlock Holmes encostou a mão que empunhava o revolver sobre as costas de uma cadeira sem perder de vista o contra mestre.

Harry permanecia de pé sem desfiar Pedro.

Cada minuto parecia aos dois policia longas horas, e Sherlock Holmes tentou reatar a conversação com Alexandre, mas baldadamente, porque este se mantinha no mais abstinido e feroz silencio.

Passaram-se uns vinte minutos.

De repente o contra-mestre dirigiu-se ao grande criminalista.

—Quem é o senhor, que seguis os nossos passos e nos preparou este deslucelao?

E os olhos despediam-lhe relampagos de cohera.

—Quem sou?

e o policia riu-se da pergunta que raras vezes lhe era dirigida.

Depois, proseguir:

—Queira desculpar, meu caro senhor, não me ter ainda apresentado. Sou inglez, criminalista, e policia amador, e chamo-me Sherlock Holmes.

Os dois irmãos olharam assombrados para elle.

Tinham na sua frente Sherlock Holmes, o grande homem, de quem os jornaes de Napoles, incluindo o «Corriere di Torres» narravam as façanhas!

Agora comprehendiam como se tinha descoberto o seu crime!

Sherlock Holmes consultou mais uma vez o relógio, e apenas teve tempo de ver que a meia hora tinha passado, quando appareceu Hogarth.

—Encontrar-se o dinheiro, perguntou ansiosamente.

«Encontrei mais ainda, respondeu Hogarth. Alem dos dois milhões de francos em notas e ouro, encontrei quarenta mil liras. Tudo estava em uma caixa de madeira no quarto da dona do hotel, sob um montão de roupa suja.»

—Trouxeste o dinheiro contigo?

—Sim, o dinheiro francez está aqui, as notas italianas deixei as a ficar.

Muito bem, respondeu Holmes, nada tenho que ver com esse dinheiro. Não me compete indagar a sua proveniencia.

E approximando-se da porta dirigiu-se aos dois irmãos:

—Adeus, meus rapazes, terminei a minha missão e espero que, em seu interesse, não terei occasião de nos tornarmos a encontrar.

Fez signal a Hogarth e a Harry para saírem, seguindo os elle depois, mas de recho e apontando sempre o revolver para os dois irmãos.

Comprehende-se a raiva que se apoderou de Alexandre e Pedro Tambutti ao verem-se descobertos, e privados tão subitamente do importante roubo que tinham feito no Vaticano.

Nem a generosidade de Sherlock Holmes, generosidade devida aos sentimentos humanitarios do velho e bondoso cardeal Aviati, os impressionou.

Olhavam para a porta por onde o grande criminalista havia saído, com olhares furiosos, repletos de odio.

—Oh! e não poder eu torcer o pescoço a esse damnado policia inglez! diria Alexandre de vae muros na mesa que lhe faziam vergar o tempo.

E voltando-se para o irmão:

—E tu, imbecil, para que te deixaste prender no leito como uma creanga? Nós dois teriamos anniquilado esses canaíhas, e estaríamos ainda possuidores do thezouro. Cobarde, tres vezes cobarde!

teve um sorriso estranho e respondeu:

—Aqui não ha cobardia nem da tua parte, nem da minha.

«Ella simplesmente a Justiça de Deus que se manifesta na terra tambem. Eu tinha um presentimento d'esta desgraça. A mordedura do cão foi o raio para a descoberta do nosso crime, e, no facto de o cão se salvar quasi por um milagre, vejo a mão da Providencia. Ficamos sem o thezouro, é verdade, mas ainda tivemos por nós algum anjo bom, porque conservamos a liberdade e a vida.»

«Certamente o cardeal, que passa por um santo, pediu ao policia que não nos fizesse mal.»

Alexandre escutava-o, e pouco a pouco a expressão do rosto modificava-se.

Que luta se travava n'aquella alma, até então serrada a todos os sentimentos bons? Era evidente que o bem e o mal se empenhavam n'essa luta, que as palavras de Pedro provocavam.

Fosse como fosse; o que é verdade é que Alexandre respondeu:

—Talvez tinhas razão, Pedro, e nada remediamos com as nossas iras e arrebatamentos. Mas que faremos agora?

—Sair d'aqui e procurar vida, nova respondeu o outro. O dono da fabrica certamente não nos admitta lá, e na Torre do Grego não podemos continuar a viver. Abandonemos estes sitios, e procuremos longe d'aqui, pelo trabalho e por uma vida honesta garantir o pão da velhice. Só o trabalho pode dar felicidade. O caminho que trilhavamos era cheio de sombras e perigos, enveredemos por outro á luz brilhante do sol.

E os dois irmãos prepararam-se para abandonar a terra, onde todos os homens honestos fugiriam d'elles.

Laura, que ficara na hospedaria de que era proprietaria, entregou a um favor concentrado, não isento de receios, e sem saber o que lhe continha fazer, ficou altamente admirada quando viu entrar os irmãos e elles lhes disseram o que resolveram fazer.

Inveceivos-o, chamolhes cobardes e pusillanimas.

Mas Pedro cortou-lhe a palavra, dizendo:

—Cada um seguiu os impulsos da sua alma. De hoje por diante o nosso caminho é outro, mas que veremos influir sobre a tua resolução.

«Vimos aqui buscar o dinheiro que precisamos até que encontremos trabalho. Vae buscal-o.»

Laura assim fez, dominada pelo tom autoritario do irmão.

Erão quarenta mil liras.

Pedro fez tres quinhões. Entregou um ao irmão, guardou o que lhe pertencia, e deixou o terceiro para Laura, dizendo:

—Fica-te a tua parte. Com a hospedaria pôdes viver honestamente. Mas és livre para procederes

E retiraram-se.
Laura não soltara uma palavra, não fizera um movimento.

Quando se encontrou só na vasta sala, e reconstruiu a scena ultima com os irmãos, levantou os olhos ao céu, e exclamou:

— Que fazer, meu Deus, que fazer?! E uma lagrima lhe rolos pela face.

— Acompanhar-me ao meu retiro da montanha, amar-me como eu te amo, e ser o apanche dos ricos e poderosos!

Era o espirito do mal encarnado no bandido Bepo, quem assim fallava.

Ella lançou se lhe nos braços e respondeu:

— Sim, sim, Vamos, meu amor, e serei a leão do teu covil onde tu reinas como o rei da floresta virgem.

Vendeu a hospedar-se com tudo o que tinha e passados dias estava no refugio da montanha.

Aquella alma perdida não tinha tido por ella as orações do santo cardeal Avati, como tiveram os irmãos.

Havia extraordinario calor em Roma, e os raios do sol entravam ardentes pelas janelas do edificio que servia de repartição de finanças do Pontifice.

O cardeal Avati estava sentado á secretária, e o seu olhar bondoso fixava-se no abbade Fiesi que estava sentado a seu lado.

— Não soube ainda nada do seu amigo inglez? Já se passaram cinco dias depois da sua visita.

— Nunca me consolarão se algum desastre lhe aconteceu.

— Confo em Deus que nada de mau lhe terá acontecido, mas também começo a inquietar-me com a sua falta de noticias, e sem saber onde poderá encontrá-lo. Quería pedir-lhe, Eminencia, autorização para informar a policia a fim de indagar do paradeiro de Sherlock Holmes.

— É inutil, responderam por detraz da porta.

O cardeal e o seu secretario olharam-se admirados.

A porta estava o abbade Fabre e na sua companhia um rapaz bastante novo com um volumoso paço debarbo do brço.

Sherlock Holmes munido com o salvo-conduto que o cardeal lhe havia dado, pôde chegar sem difficuldade até ao gabinete de Avati.

FIM

Ler no proximo numero:

OS SIGNAES DA MORTE

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

Ao abrir a porta ouviu as palavras do abbade Fiesi.

Antes que os dois prelados tivessem tempo de se levantar, já Holmes e Harry estavam junto da secretária onde depararam o volume que continha o diário roubado.

O policia abriu-o, mostrando as meias de ouro.

O cardeal Avati chorava de alegria, e apertava com o maior reconhecimento as mãos do grande policia.

Só os labios dos dois prelados se moviam profundamente talvez a fervorosa oração.

Os dois ingleses afastaram-se com respeito.

O cardeal foi o primeiro a quebrar o silencio.

— Como conseguiu isto, meu filho? perguntou.

— Facilmente, Eminencia. Por dois indices que aqui encontrei, e outras coisas que talvez lhe pareçam de pouca importancia, mas que me levaram á verdadeira descoberta do crime.

— Mas tudo isso lhe deve ter custado muito dinheiro? perguntou o cardeal.

— Não, senhor, respondeu Holmes.

— Quando não é preciso, não faço grandes despesas, pois a minha fortuna penal me dá margem para as fazer. N'este caso não quero remuneração, mas se Vossa Eminencia deseja dar-me uma prova de agradecimento, vou pedir-lhe um favor.

— Fale, e pode considerá-lo servido.

— Peço-lhe então que dê uma licença illimitada ao guarda Giovanni. Seu pai, que me auxilia muito para a descoberta do roubo, está bastante doente. A ausencia do filho aggravaria-lhe a doença, e a convalescença será mais rapida se o filho o tratar.

O cardeal tomou a campainha electrica apenas ouviu pronunciar o nome de Giovanni, e immediatamente este appareceu.

— E' este mesmo, disse Sherlock Holmes, apertando a mão do moleiro.

— Recomende-lhe, Eminencia, que nunca abandone o pai, e que o não deixe sozinho, para ir passar as noites em casa da hospedeira Tambutti.

— Talvez que já a não encontre, mas recio que na Torre do Órgão appareçam outras como ella.

Dito isto, Holmes despediu-se de Avati e Fiesi, e após os agradecimentos d'estes ultimos, saiu do Vaticano seguido do seu fiel ajudante e amigo.

FIM

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia - amador

Um rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palácio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvário d'um assassino | 22 Mulheres policia |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Um mililão de francos |
| 7 A crumha mortuaria | 24 As bravatas de um Yankee |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos anões |
| 10 Um d'uma nas nuvens | 27 O negro de coradas |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O segredo dos bandidos |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Tragado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 Rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Ditas facanhas notaveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume — Serie completa, 2.000 rs.

IVRO DE LEITURA
L para a 4.ª classe dos Lyceus
— 1 volume illustrado 400 rs. —

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

com bellas e numerosas gravuras intercaladas
no texto

A Modern-Bibliotheca é construida por edicoes luxuriantes e artisticas e insere as obras primas d's melhores escriptores modernos.

Volumes publicad 21

- I — Dittos lar, por Marcel Pré vost
- II — Euprodite, por Pierre Louys
- III — Prima Laura, por Marcel Pré vost

500 Rs. Preço de cada volume 500 Rs.

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kuntien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando uma elegante vol. em 8.º gr.

300 rs.

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS
1 volume de 160 paginas, profusamente
200 Rs. illustrado, impresso em magnifico papel

O REI DOS MARES

AVENTURAS DO CAPITÃO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos

Publicação quinzenal em 8.º grande com capa artistica a 3 cérs

Não se trata de uma personagem ficticia; Morgan existiu! Viveu e produziu na realidade, como o pirata mais extraordinario de todos os tempos.

O romance, baseado de todos os encantos que lhe são proprios, dá-nos a historia do mais famoso pirata que se tornou um munitio com as suas facanhas. Morgan foi verdadeiramente o chefe d'esta raça de heróis indomáveis que se tornaram temidos com os nomes successivos de Robinson e Filibuster. Os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e os terribes proezas de que se viu victorioso. A vida dos oceanos em todos os seus perigos e seduccões mysteriosas, passa pelos olhos do leitor, mantendo-lhe a attenção sempre desperta pela variedade e pelo interesse das peripetias.

Volumes publicados

- | | |
|-------------------------------|---------------------------|
| 1 O thesouro da ilha | 10 A ciêdella dos piratas |
| 2 O segredo do pirata | 11 O primeiro encontro |
| 3 O maninho mysterioso | 12 O naufragio de Morgan |
| 4 O enigma da ilha do Coral | 13 Astucias de piratas |
| 5 O navio perdido nos mares | 14 O terrivel dos mares |
| 6 Os dois capitães de piratas | 15 O thesouro fluctuante |
| 7 Inimigos fingidos | 16 A herança de Puma |
| 8 Expedição para a morte | 17 O thesouro de escravos |
| 9 A sua doçura | |

As novelas em que relatamos as aventuras do CAPITÃO MORGAN sêo publicadas em numeroes quizenaes

Cada numero contendo uma publicação mais barata
C C C C obra completa 50 de Portugal C C C C
RÉIS

LEIAM TODOS

O conquistador de criadas

Planado romance d'aventuras galantes
Um grosso volume com capa
artística e expandida prevezes 300

Novidade Literaria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Sausse

1 vol. com capa artistica 700 rs

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

RENE EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romanos dos tempos biblicos

I A Paschoa de Formosa
II Chamas de voluptuosidade
III Noah, terra da luxuria
IV Pela sonada do amor
V Beljo supremo

1 vol. em 8.º com artistica capa
a 8 cérs 700 rs.

A BIBLIA

Romance passionnal, baseado na narrativa bíblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magníficas gravuras e capa artística

700 rs.

A VIDA D'AVENTURAS

60 rs. CADA OBRA rs. 60

Texas Jack

♦ ♦ O Terror dos Índios ♦ ♦

A vida do celebre aventureiro americano, cujo nome corre do norte a sul no mundo *yankee*, como o d'esses heróis lendários de antigas eras, é narrada nas empolgantes novelas que constituem a primeira série da *A Vida d'Aventuras* com todo o colorido a que se presta a figura do incomparável *gaúcho* e a selvática região onde decorrem os episódios.

Os títulos das obras já publicadas são os seguintes:

1. Um Herói de dezesseis annos. 2. Os corvos da California. 3. Mulher demónio. 4. Massacre de Camp-Lancaster. 5. O ultimo rei dos Comanches. 6. Os pesquisadores d'ouro do Arizona. 7. Texas-Jack, polícia. 8. O Castello mysterioso. 9. O segredo do caçador. 1. Theforra sangrenta. 11. O martyrio da virgem loira. 12. Vingança do Mormon. 13. Corrida para a morte. 14. A rainha dos bandidos. 15. Como Texas-Jack encontrou seu pai. 16. A mala posta de Farmington. 17. O ladrão de milhões. 18. As nupcias de Buena-Vista. 19. A destruição de Troya. 20. Barnum e Texas. 21. Cartil, o salvador. 22. O bando negro do Texas. 23. O fallacioso de Prescott-Park. 24. Por ares e ventos. 25. Uma Batalha subterranea. 26. O Casamento de Texas-Jack. 27. A revolta dos negros mexicanos. 28. O mercador de fúrias. 29. A fonte da Morte. 30. Aventuras de 3 garotos no Far-West. 31. Um crime no deserto. 32. A ultima rainha dos Utah. 33. Bob, o Taciturno. 34. Um ataque ao comboio do Pacifico. 35. O Bufalo infernal. 36. A captura dos 1299. 37. O desaparecido do Lago dos Ursos. 38. Morte de Jumper. 39. A noite sangrenta de S. Francisco. 40. O assalto ao Forte Mac-Rue. 41. O testamento do ermita. 42. Dente por dente. 43. O rei dos lutadores. 44. O lago dos crocodillos. 45. 7. Rosa do Texas. 46. Um drama d'um tunnel. 47. O falso explorador. 48. A batalha do Montados Espiritos. 49. Aventuras d'um novo 50. O milagre do ar. 51. Facanhas d'um lord 52. A bandeira do regimento. 53. O martyrio d'um missionario. 54. A cavalgada do rei da campina. 55. O mysterio da floresta. 56. Um velho do deserto. 57. Whitta, a flor da campina. 58. O desfiladeiro do diabo. 59. O rendido do Monte Rose. 60. Nas garas do liere. 61. O mysterio do Castello dos Rochedos. 62. O rebelde vermelho. 63. A taberna do Vale do Diabo. 64. Osegredo das balas de prata. 65. Os moedeiros falsos do Red Hills. 66. Gabova a prego. 67. Os rochedos do prata. 68. O barco infernal. 69. Os companheiros da serpente. 70. Em lucta com os Yellows. 71. O rapto de Maidenworth. 72. Vingança de tio. 73. O lago dos ursos. 74. Na pista dos bandidos. 75. A fome no Far-West. 76. Os salvadores da floresta. 77. A ultima victima do Grande Astro. 78. O filho Texas Jack. 79. Drama de amor. 80. Desfiladeiro de Gila. 81. A vingança do engenheiro. 82. Estranguladores vermelhos. 83. A feli citra de Midletown. 84. Pouso no bando. 85. Diabo da campina. 86. Monshiers. 87. Caçador de escarpas. 88. Espectro da campina. 89. Bandido vermelho. 90. A vingança dos Seminolas. 91. Contrabandistas d'opio. 92. A rainha dos negados. 93. O felleiro de Quipua. Tani. 94. Aventuras de estudantes. 95. Tribunal secreto. 96. Ladões de comboios. 97. Vingança frustrada. 98. Solitários da floresta. 99. Estalagem de Paz. 100. O filho perdido.

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitos, diabruras, malefícios e sortilégios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ

600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. Rs. 600

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8.º grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimido d'este famoso agente, o inspector Mc Cluck, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguira ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

Nesta verdadeira maravilha do disfarce, n'ta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis extros de **Nick Carter**. E isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embriagadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um assassino de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os

NICK CARTER

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fôrma um episodio completo.

Volumes publicados:

O rei do crime. 2. O ninho dos ratos 3. Demonio feminino 4. C. caiver falsificado 5. O ultimo crime de Garruthers. 6. O ranto d'um moivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caça aos milhoes. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11. O rapto da duquesa 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batoto. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackett. 16. Um electrico perigoso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassino de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. O poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo. 23. O mysterio chinês. 24. A casa dos sete demônios. 25. A rainha dos sete. 26. O signal de morte. 27. Os demônios do Oriente. 28. Descida de Dazaar aos infernos. 29. O ultimo dos sete. 30. O Resuscitado. 31. Um pacto com Dazaar. 32. A morte de Dazaar. 33. O club dos treze. 34. Os roubadores de crianças.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.